ANNO XXVII — N.º [illegible]
Rio, 21 de Janeiro de 1933
PREÇO: 1$000
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
SECÇÃO
FON
FON

Souto
RIO
FERREIRA SOUTO S.A
SOUTO
A FAMA SÓ PERPETÚA
O QUE É BOM. A FAMA DO
CALÇADO "SOUTO"
PROVÉM DA SUA SUPERIORIDADE
FORMAS ANATOMICAS
FABRICO SCIENTIFICO
GARANTIA ABSOLUTA
Á venda nas casas de 1ª ordem

O conto brasileiro

FALSO

De SABOVA RIBEIRO

PELA rua a fóra seguiam os dois muito amigos. Henrique tinha-se apoderado do braço do companheiro, e um tudo-nada arroubado, como é do seu temperamento, com o outro braço descrevendo, por vezes, gestos rapidos no ar, entregava-se á propria expansão, indifferente ao mais.

Era na Avenida, num trecho movimentado de lojas e casas de café. A par do borborinho humano, os fons-fons ininterruptos dos carros de praça e dos omnibus, que se cruzavam, sem parar.

Desciam ambos, quando, num taxi, correndo na mesma direcção, fôra avistada Sára. Foi disso que se originára o assumpto que lhe brotava agora dos labios, quasi torrencial.

O companheiro escutava-o, numa expressão de summo interesse.

— Não! dizia o Henrique, aquillo não foi paixão, no sentido corriqueiro que dão a essa palavra. O que, em geral, chamam paixão, por ahi fóra, á damnação dos instinctos, ansias e desejos de posse. E eu queria a Sára de maneira bem differente, apenas pelo espirito, em que pese á materialidade vulgar dos homens. Costume é falar em amor de irmão para significar, talvez, um amor semelhante ao meu. Talvez pudesse dizer, por isso, que era assim que eu a amava: como irmão.

"Afinal, só assim se entende que tanto a quizesse. Como bem sabes, e sempre o reconheci, Sára não possúe os attributos da belleza physica que céga e desvaira. Por um não sei que, porém, que eu sentia existir, nella, mas que não chegava nunca a aprehender, o facto é que a amei, sem reservas hypocritas, uma enfiada de mezes. Agora, si me perguntarem como foi que isso começou, não o saberei dizer.

"E' certo que, desde o nosso primeiro contacto, bastante me impressionou, em Sára, uma tal ou qual subtileza de maneiras que, sendo absolutamente naturaes, a tornavam extremamente amavel aos meus olhos. Uma voz doce e velada, um certo baixar da vista, quando desejava sublinhar um pensamento ironico, um mysterio insolvente dos sentimentos, cheio de sortilegios e sereno dominio — eis o que a differençaram logo para mim, dando-me o prazer de escutal-a sempre, sempre, que eu proprio buscava. Por sua parte, Sára me acolhia, toda vez e cada vez mais, com manifesto agrado, e, sem nunca sahir da sua simplicidade, animava-me ao seu grato convivio.

Toda aquella discreção, que era innata ao seu temperamento, não encobria, entretanto, uma alta ternura que punha em tudo que me tocava directamente.·. Emfim, para a minha extrema sensibilidade ás provas puras do affecto, aquella mulher foi, aos poucos, criando um prestigio extraordinario aos meus olhos. Rendi-me, de todo.

"Foi esse o meu êrro, o meu grande êrro, que só agora reconheço, com todas as suas consequencias. A verdade é que nenhum alcançaria tão longe, nem podia escogitar de successos taes. Mas, emfim, foi o meu êrro. Sára não tinha um desejo, que lhe não satisfizesse com solicitude immediata. Convenceram-na da minha grande affectuosidade para com ella, da minha escravidão prazenteira ao seu jugo.

"O que se passou, dahi por deante, foi uma mudança gradual, mas rapida, da sua psychologia. Ella, com toda aquella linha de serenidade meiga, que ainda ha pouco gabei, mudou noutra diversissima, caprichosa, obstinada tyrana.

"Eu supportava-a, como podia, impondo-me todos os comedimentos de educação e dominio de mim proprio. Muita vez, admirava-me a paciencia, com que punha á prova toda a minha faculdade de transigencia humana. Innumeras vezes estive em ponto de romper, definitivamente, aquelles grilhões que me annulavam. Mas, continha-me. Reportava-me áquelles tempos felizes, quando ella fôra, por assim dizer, o rócio fagueiro, que fez rebentar em flores do amor mais puro todo o meu coração, com aquella meiguice comedida e acaso disfarçada, aquelle carinho intelligente e nimiamente espiritual.

"Dir-se-ia, agora, que eu vivia do meu passado junto a Sára, procurando esquecer a sua conducta inaturavel no presente.

"Anjo transmudado em demonio (quem havia de dizer que eu ainda lhe applicaria tal termo: "demonio!"), que malvada ella foi commigo e como se comprazia do soffrimento que a mim proprio infligia!

"Emfim, uma noite, foi ás ultimas:

" — E's ainda capaz de satisfazer a um pedido meu?

" — Dize o que queres.

" — Então, jura que tens palavra e és um homem.

" — Juro-o.

" — E que não amarias a mulher que te não amasse.

" — Juro-o.

"— Pois essa mulher sou eu. Deves desprezar-me.

"Ahi está, meu amigo, a causa da resolução, que eu sei o que me custou em soffrimento: Ha pouco tu me dizias que ainda ninguem comprehendeu como foi que tão inopinadamente, eu julguei o meu infinito affecto áquella criatura, que verdadeiramente adorei muito tempo.

"Dir-se-á que eu tive motivos sobejos para isso.

"Apparencias, meu amigo, que só agora penetro com clareza.

"E' questão de fazer a psychologia a Sára. Ouve.

"Nunca tendo sido o motivo da affeição sincera de nenhum namorado, o meu amor deixou-a naquelle estado de descrença, que a levou a experimentar-me de tantas maneiras, ferindo-me, espesinhando-me, torturando-me.

"A imprudencia custou-lhe o meu acto, agora irrevogavel. Quanto ao mais, creio na realidade dos mesmos sentimentos que já lhe inspirára em troca do muito que lhe quiz... e acaso ainda quero."

* * *

Nessa altura das suas confidencias sentimentalistas, Henrique empallideceu, ás subitas, vendo irromper, de uma porta, o vulto de Sára, que quasi se chocára com elle.

E, face a face um do outro, os dois se quedaram num ar de espanto e afflicção, perplexos. Mas, num gesto reaccionario do proprio orgulho, não durou muito aquelle lance — porque, vencido o espanto do primeiro momento, ambos, compondo-se as physionomias, affectaram ares de grande serenidade, e deram-se as costas, rumos contrarios.

Foi nessa hora que Sára, vencida, afinal pela colera mal sopitada, deixou escapar a palavra, que era a confirmação integral daquillo que, ha bem pouco, Henrique affirmára ao amigo, sobre a certeza dos sentimentos amorosos della:

— Falso!

CONVERSAVAM dois antigos senadores da Republica, conservadores authenticos, os quaes fizeram parte do P. R. C., obedecendo, portanto, ao bastão de commando do general Pinheiro Machado.

Um delles é coronel da briosa e e tava intrigado com os costumes de agora. Até os gallos já não esperam o nascer do sol, como noutros tempos, para annunciar que está rompendo o dia. E contára esta historia:

Senhora mui distincta, moradora em Copacabana, e aliás de nossas relações, disséra-lhe que o marido, senhor muito apreciavel e formado e alto funccionario de importante repartição federal, tem nove gallos de combate. Um businar de auto, uma coisa qualquer accorda os gallos; e o numero um, bate azas e canta, e canta tambem o numero dois, e, de enfiada, o numero tres, quatro, cinco, seis, sete, oito e nove. (Ella enumerara-os em mente). Em seguida, cantam todos os gallos dos gallinheiros circumjacentes. Quando acaba o ultimo de cantar, ao longe, canta de novo o numero um e, novamente, o numero dois

O GINTURÃO

e, um a um, todos os outros que haviam já cantado! Uma delicia ás tantas da noite!

— Os gallos do Rio de Janeiro não sabem quando vem nascendo o sol, pois, a qualquer hora da noite, estão vendo o romper do dia. E' tanta luz artificial... Você é homem de mau gosto: em vez de falar acêrca das mulheres, vem discorrer sobre o có-có-ró-có dos gallos de Copacabana! Deixe-os em paz!

— Pois não vê você como vão ellas ao banho do mar...

— Por que não fecha os olhos quando as vê em uniforme de subditas de Neptuno? Si é para falar mal das pobrezinhas, deixe-as tambem em paz... Não vá á praia... Faça como eu... Poucas vezes vou até lá, mas, quando vou, fico callado! E ainda dizem que a vida é má... Copacabana... Banhos de mar naquelle *frêvo*...

— *Frêvo*?!

— No meu pedacinho do septentrião quer dizer *chamêgo*...

— Hum! *Chamêgo* — Sim. *Chamêgo*. E' borborinho ou coisa que o valha!

Na avenida Rio Branco, onde se achavam elles, passava uma pequena, sacudindo os braços, as pernas, saracoteando-se...

S E A R A

A vaidade dos artistas

Parece-me que os artistas desconhecem, muitas vezes, suas verdadeiras aptidões, porque são demasiadamente vaidosos e têem os olhos postos em alguma coisa muito acima destas phantasias novas, lindas e raras, que medram e florescem na terra do seu proprio espirito.

Apreciam, superficialmente, o melhor que produz seu proprio jardim interior e sua propria vida e suas affeições marcham por caminho distincto do da sua intelligencia.

Vêde aquelle musico, que supera a todos na arte de encontrar notas que expressam as dores, as afflicções e as torturas da alma, e em dar ao seu mudo desconsolo uma linguagem de harmonia. Não tem igual quando quer dar um colorido de fim de outomno, quando quer expressar a felicidade commovedora até o indizivel de uma ultima alegria, muito ultima e muito breve.

Conhece o accento, o tom que convem a esses instantes secretos e inquietos da alma, em que parece que vão dissociar-se a causa e o effeito, e em que a cada momento se espera ver surgir alguma cousa do nada.

Como ninguem, elle sabe chegar ao fundo da felicidade humana...

Mas, não o comprehende. E' demasiado vaidoso para comprehendêl-o. — FREDERIC NIETZCHE.

Estado de perfeição

Um explorador, durante uma conferencia feita numa sociedade scientifica, assegurou que o estado de selvageria ou de "selvagerismo" era o estado ideal para o homem.

De Hormino Lyra

— Vê você como querem tomar os logares dos homens... Em toda parte se mostram tão varonis...

— Naturalmente. Estão no seu direito! Tudo evolúe... E só ellas hão de ficar no mesmo?! Tudo evolúe, homem!

— Está bem, mas uma coisa não admito: a mulher eleitora.

— Os phenomenos sociaes jogaram-nas, por fim, na deselegancia das campanhas eleitoraes. Que fazer? E' a evolução dos ideaes em marcha célere...

— Para onde?

— Não sei. A sociologia é uma sciencia moderna, que está arrotêando as massas. Vae desbravando os pensares dos povos para lhes cultivar os conceitos.

— Então é socialista?

— Não sahi ainda do dominio da sociologia para entrar no socialismo. Esse negocio de se transformarem as bases do estado social para equilibrio do capital com o trabalho, só se tem conseguido com a violencia...

Escusado seria dizer que o senador em causa é millionario.

— Pois eu sou socialista, controverte absurdamente o conservador impenitente.

— Já leu alguma coisa sobre o socialismo?

— Não li mas, pelo que ouço falarem, sou socialista...

Dizem: este outro senador é um *prompto*, isto é, *está apitando*, *anda numa quebradeira franciscana* que é a *tysica de algibeira*, a falta de chelpa, consoante a gyria.

Após breve pausa, prosegue o *prompto*:

— Meu caro ex-collega, não concordo com o voto feminino. A mulher, hoje em dia, quer ser tudo; e não tarda em pleitear encorporar-se á policia especial...

— Aqui está o busillis! Pela lei das licenças, em certo estado da funccionaria, tem ella direito a sessenta dias para ficar em casa. Estou de accôrdo. Porém, si reformarem essa lei omittindo esse direito, hei de muito me rir...

— Por que?

— Só queria ver uma rapariga policial, e naquelle estado, como se ia ageitar p'ra botar o cinturão...

(Do livro inedito "Gravetos")

A L H E I A

Muitos sonham com os templos biblicos e a vida simples das primeiras edades.

Outros sustentam que não se deveriam civilizar os selvagens, que estão muito bem como estão.

Evidentemente, a civilização tem seus males e o progresso seus inconvenientes. Mas, é minha opinião que somos mais felizes que antes.

As vantagens estão do lado da vida civilizada.

O retrocesso poderia convir aos animaes; o homem, porém, não o poderia supportar.

O cerebro, a intelligencia são os maiores interessados no desenvolvimento continuo da civilização.

Dir-se-á que esta deve ter os seus limites porque, do contrario, chegará a abreviar e complicar, enormemente, a nossa vida.

De accôrdo. Mas, por emquanto, demos graças a Deus por ter nascido na época do radio e da aviação. — FRANK CROVE.

De Paulo Geraldy

O amor pacifico tambem tem o seu encanto: a serenidade.

•

Os homens raras vezes falam de seus verdadeiros amores.

•

Cada ser traz em si mil razões para gostar e não gostar. E' esta a historia de todos os amores: os proprios e os alheios.

•

Ser um amante é pouco: ser um apaixonado é demasiado.

Berilo Neves, seus livros e

Por
GILBERTO VEIGA

* * *

TENTEI, debalde, escrever sobre o livro "A Mulher e o Diabo", de Berilo Neves. Escrevia uma, duas, muitas tiras de papel e, após, atirava-as á cesta, porque tudo o que eu havia escripto com ardor e sinceridade me parecia inexpressivo, banal, ridiculo quasi.

Poderá o leitor achar que exaggéro. Affirmo-o que não. E affirmo-o justificando-me. Si o meu illustre, hypothetico e benevolo leitor julga que sou exaggerado, eu lhe supplico que tome da caneta, molhe a penna ingrata e renitente, olhe uma infinidade de vezes para as folhas de papel em branco, abertas na sua frente como uma ironia lançada ao seu talento, e escreva sobre os livros do Berilo... Custa pouco experimentar... Antes, porém, de tentar tarefa tão ardua, tão difficil, observe com attenção o que lhe vou dizer:

Aquelle Berilo Neves que todos nós conhecemos, sempre amavel, sempre jovial, tendo sempre á ponta dos lábios uma palavra bonita, uma phrase gentil, — notadamente para as filhas de Eva que elle tem o *defeito* de adorar, — escreveu "A Costella de Adão", um livro audacioso, que, numa irreverencia, num desrespeito á nossa seculas tradição de gente que só lê livros emprestados, veiu á lume num dia de sol e de azul e foi andando, andando, intrepidamente, afoitamente, colhendo louros aqui, palmas ali, palavras elogiosas, olhares de caricias e sorrisos acolhedores em toda parte e, hoje, sem favôr nem propaganda artificiosa, está em vespera da 7.ª edição. Foi, assim, uma victoria tão ruidosa, um exito tão completo, que, estou certo, o proprio autor, com toda a sua argucia, intelligencia e talento privilegiados, não podia prevêl-o.

Berilo, porém, não fez como aquelle *boxeador* que, após a conquista do titulo de campeão do mundo, abandonou as luvas. Não se deixou afundar na macia *chaise* da gloria, olvidando as letras. Elle é, além de um escriptor de largos recursos, um patriota perfeito. Não podia, pois, entregar-se ás caricias da gloria e aos applausos da fama, com prejuizo para o cabedal intellectual de sua Patria. Além disso, o compromisso que elle indirectamente assumiu com o publico, que tão justamente o côroou, não podia ficar á margem da sua vida. A sua personalidade literaria pertence-lhe menos que ás multidões lêdoras. Comprehendendo bem, pois, o seu dever, não quebrou a penna de oiro do deleite e continuou escrevendo. Deu-nos, a seguir, "A Mulher e o Diabo", já em 2.ª edição, uma obra magistral, de traços fortes, reveladôra de conhecimentos amplos, repleta de analyses profundas, um conjuncto, emfim, de apreciações quasi impossiveis num escriptor com a experiencia ainda de cabellos pretos, como é a de Berilo Neves. Neste livro bonito temos microbios que amam e mulheres que mentem... Mas, o amôr desses microbios é um amôr scientifico, um amôr que abre as portas da sabedoria aos menos versados em materia de sciencia dessa categoria, no que Berilo é relevante autoridade. As Evas de "A Mulher e o Diabo" são as mesmas de todos os tempos... Mas elle as descreve com arte, com graça, com leveza. Desde a idosa (uso euphemismo porque não desejo susceptibilizar ninguem) Eva-Mãe, que, no dizer irreverente de Berilo, paga, no inferno, em companhia do seu dignissimo esposo, o barbado Adão, os erros e as falsidades commettidas aqui, na terra, *in illo tempore*, á melindrosa "sapeca" dos nossos dias. E, mesmo na desgraciosa guarda de Belzebuth, — é ainda Berilo quem nos conta. — Eva não cria juizo nem se porta convenientemente e, em certo dia que, Satanaz attendendo a uma reclamação justa do pobre Adão trahido, mesmo nas chammas eternas, mandou isolar a infiel no 25º andar do reino visitado por Dante, ella, a Eva incorrigivel de todos os seculos põe-

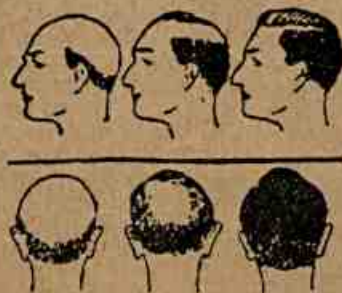
---

...Alta novidade para embellezar o bello sexo...

sua personalidade artistica

se a namorar os santos na mansão dos justos, através das *grades* do inferno, necessitando que o *ranhêta* S. Pedro *telephonasse* urgente e pudicamente para o anjo decahido, pedindo providencias a respeito como qualquer mortal neste valle de lagrimas recorrendo á quarta auxiliar... Em "A mulher e o Diabo" temos, ainda, Berilo sentimental, romantico, em "Historia de uma casa velha" e alguns outros. No terreno humoristico elle fecha na mão a magia do *savoir dire*. E' uma das mais perfeitas, si não a mais perfeita personalidade humoristica contemporanea. "Os ex-defuntos" e "Diario de uma pulga" bastam para comprovar esta asserção. Mostra-nos, em "A derrota de Marte" e "Almas synchronizadas", de quanto é capaz e como é emmaranhada a alma dessa borboleta a que chamamos mulher.

"A Mulher e o Diabo" é um desses livros raros, escriptos especialmente para deleitar. Dir-se-ia que o seu autor, ao escrevêl-o, teve uma preoccupação unica: tornar as nossas horas, as horas de leitura, amenas, agradaveis... E' um livro fadado, como o primeiro, a successivas edições.

A humanidade actual só encontra, nos livros, tragedias e lamurias. E' um marido que mata a mulher que o atraiçoou. E' um namorado romantico que rebenta o craneo com uma bala, porque a *sua pequena* o preteriu por outro mais esperto, menos sonhador... E' um ex-millionario agonizando num leito de hospital, após o sacrificio do seu thesouro á roléta, ao *bacarat*. E em tudo e em todos a fome e o desencanto, lagrimas e descontentamento. E' todo um rosario de coisas tetricas desfiado e explorado pelos escriptores da nossa geração. Os livros de Berilo Neves fogem a essa regra funesta. São leves, macios, despidos de scenas rocambolescas, sem laivos de sangue, sem travos de amarguras demasiado intensas. Tem, todavia, o livro em fóco, um grande defeito, uma grave falta. E não podia deixar de tel-o, levando em conta a fallibilidade h u m a n a. Berilo não podia escapar impune a essa c i r c u m s t a n c i a dolorosa. "A Mulher e o Diabo" tem pouco mais de 120 paginas. E isso, logicamente, para o leitor intelligente e amante da bôa leitura, constitúe um defeito imperdoavel, grave. O autor podia ter escripto mais, proporcionando ao seu enorme e seleccionado publico maior satisfação, maior prazer.

Depois de "A Mulher e o Diabo", Berilo escreveu "Pampas e Cochilhas". Eu ainda não o li, confesso. E confesso-o com vergonha. Um dia desses, conversando com um amigo dotado de talento maravilhoso, interpellei-o a respeito do citado livro. E elle: "Berilo nos dá, em "Pampas e Cochilhas", mais uma vez, a demonstração do seu vasto conhecimento, a fertilidade maravilhosa de suas idéas e a argúcia e a observação do seu espirito brilhante. E' mais um livro que honra as letras nacionaes. Mais um thesouro legado á posteridade..." Tal nota não me surprehendeu. Recebi-a com a mesma naturalidade com que a gente recebe uma coisa habitual, de todos os dias.

Berilo Neves não é, apenas, o *conteur* fecundo dos livros citados. E', tambem, jornalista dos mais perfeitos. Chronista do mais bello estylo. Orador primoroso. Conferencista consciente e verboso.

Depois desta rapida explanação em tôrno da personalidade intellectual de Berilo Neves, o moço que fala mal das mulheres e dá a vida por ellas, o *garôto* que teve a audacia de lançar 6 edições de um livro, eu desafio o meu paciente leitor a escrever sobre qualquer das suas obras e vêr si, como eu, não se perde no mesmo emmaranhado de difficuldades, no mesmo barathro impenetravel em que me perdi.

RAYMAR (Bahia) — Olá! Uma bahiana? Eu sempre tive uma admiração exaltada pelas filhas da terra de Ruy Barbosa. As bahianas são bellas e intelligentes. A que não é intelligente é, na peor das hypotheses, muito bonita; e a que não é muito bonita é, no peor dos casos, intelligentissima.

Ora viva!

Accrescentemos que, além dessas qualidades, ellas possuem a da amabilidade.

E eu faço votos para que, v. ex. que já é amabilissima e intelligente, seja tambem formosa, e moça.

Agora, com os meus agradecimentos, dou aqui a sua delicada missiva:

"Yves: Do Sertão bahiano, chegará ás tuas mãos, esta missiva, cujo fim é dizer-te o muito de admiração, que tenho por teu espirito de estheta.

Yves, a ti, que tanto tens me deliciado com as tuas chronicas, cheias de poesia, belleza e emotividade, desejo feliz Natal, e as maiores felicidades no decorrer do Anno-Novo.

Não tenho palavras para expressar o quanto de sublimidade e conforto, tens trazido, embora indirectamente, a minh'alma sempre avida de emoções.

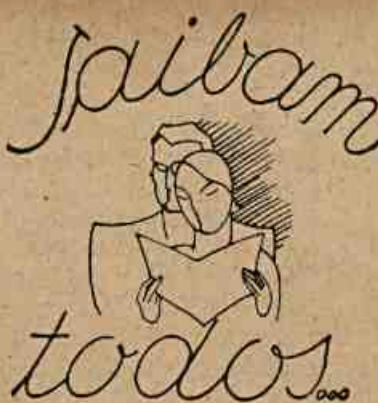
Vivo aqui tão triste... A ouvir de longe em longe o entrepido das boiadas, que deixam após um sulco luminoso de poesia e á noite, ouço o coaxar dos batrachios, numa lagôa proxima.

Que continues a nos deliciar com os teus escriptos no decorrer de 1933, são os votos da admiradora. — *Raymar.*"

MME. ITALA (Capital) — A carta que v. ex. dirigiu ao meu companheiro, chamando-o "sr" Graphologo", veio ter á minha banca para que tomasse conhecimento della.

Ora, a sua carta é linda. E' amabilissima. E' mesmo uma dessas missivas que merecem a honra de uma publicação.

Por isso, ella aqui vae, sem a alteração de uma virgula:

"Illmo. Sr. Graphologo. Saudações. Apreciando as linhas que lhe mandei, disse o Sr. O estudo da sua letra está prejudicado. E' *muito*. "Em graphologia não se adivinha, define-se scientificamente." E' verdade. Realmente, não appliquei o termo justo. Porem não ignoro, que a graphologia, é um estudo scientifico. Possuo o livro de John Rexford, que por não ter tempo de achar esta especialidade, muito difficil, não tentei estudal-a. Tem toda razão, dizendo que não lhe forneci os elementos necessarios. Por isto,

fiquei tão prejudicada, na appreciação da minha letra, pois revelou precisamente, o opposto, quanto ás minhas qualidades moraes.

Apezar d'isto, desejo-lhe bôas festas, muito lhe agradeço e peço desculpas pela massada que lhe dei. — *Mme. Itala Brasil.*"

MARIA ASUNCIÓN (Capital) — V. ex. teve grande sorte. Por dois motivos: eu hoje estou de bom humor, bem disposto, alegre e paciente e, em segundo logar, vou attender o seu pedido.

Graphologia eu só a faço para os amigos, os meus intimos, ou pessôas que me procuram pessoalmente.

Vamos, pois, á sua carta:

"Yves. Cordiais saudações. Venho por meios dessas poucas linhas pedir-lhe um estudo grafologico. Creio que para isso não é necessario nenhum poema ou soneto, pois, se assim fôsse, eu teria que renunciar ao grande desejo de conhecer algo sobre o meu "eu", que me é quasi tão extranho quanto o seu. Até hoje só consegui descobrir em mim uma coisa: sou dessas creaturas que jamais usam de meios indirétos para conseguirem aquillo que desejam. Esse pormenor talvez lhe facilite o estudo.

Desculpe o laconismo do bilhete e os erros que deve ter, mas... como não sou professora, nem escritora, vou me considerando desde já inteiramente desculpada. Obrigada pelo trabalho que vai ter, espera com anciedade sua resposta a atenta admiradora — *Maria Asunción.*"

Indica a sua letra uma pessôa delicada, amavel, dotada de bôa fé e até mesmo de uma certa candura. Simples, ama as coisas vistas ás claras e comquanto a sua vontade seja fraca, se esforça para vencer e subir.

E' sentimental, capaz de affectos duradouros, mas tremendamente sensivel.

E' economica, e gosta das minucias, dos detalhes, das coisas pequeninas.

Espirito assimilador deve dedicar-se á qualquer magisterio ou especialização cultural.

E' ordenada, systematica e, na vida pratica, age, quasi sempre, com serenidade e descernimento.

Docil, — e é ahi que está o contraste com o todo da sua alma — sabe zombar e levar em burla com triumpho, aquelles que a não interessam ou não lhe inspiram sympathia.

E' timida, amiga das bagatelas, e, quando ri, o faz de maneira furtiva, sempre manhosamente.

E excessivamente desconfiada. Gostou?

MARLIS (?) — Agradeço e retribúo os votos de bôas festas e bôas entradas no Anno Novo.

ANOAN (S. Paulo) — "Uma garçonne carioca" e "O Suave enlevo" são encontrados nas livrarias de S. Paulo e do Rio. Aqui, estão á venda, principalmente, na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. O romance custa 6$000 e o poema 4$000.

SERGIO VIEIRA (Capital) — Olá! Então, o sr. deseja mesmo fazer-se poeta, do dia para noite!

Não lhe gabo o gosto.

Maximé, escrevendo mal como o sr. escreveu o seu soneto.

Diz na sua missiva:

"Snr. Yves. Tomo a liberdade de roubar-lhe um pouco de seu precioso tempo para submetter á sua apreciavel cultura, o soneto annexo.

Na expectativa de sua franca acceitação, prevaleço-me da opportunidade para apresentar-lhe os protestos de minha sympathia admirativa

Sergio Vieira."

Vejamos agora o delicioso soneto (?):

DUVIDA

Foi fertil em saudades a minha partida
Na estação, só, defrontando muita gente
E não vendo o teu perfil, querida,
Via-te no pensamento, meiga e dente.

E meditando sempre, na terra onde estás,
Trago n'alma como de um sonho impresso
A rapidez dos dias de um tempo fugaz,
Que me afastou dessas plagas de pressa.

Assim, vejo-me longe de ti, tristemente

Julgando que rapidamente olvi-
[daste
O que promettestes, estando eu au-
[sente

E a duvidar de tudo que me fa-
[laste
De me conservar no pensar sem-
[pre presente;
Eu não posso acreditar que me
[amaste.

Sergio Vieira."

Como vê, o seu soneto foi para a cesta...

ALBA SALTIEL (Pernambuco) — Sensibilizou-me demais o seu cartão de bôas festas.

Penhorado, agradeço-lh'o, fazendo iguaes e votos pela sua felicidade pessoal.

NEY (S. Paulo) — Sim, caro poeta. Poeta, não; literato... Mas, fóra de brincadeira, o sr. me elogia tanto na sua carta, que estou com receio de dizer que o sr. tem talento...

Talvez não acredite em mim, ou supponha que retribuindo a sua gentileza...

Leiamos a carta que me endereça:

"Persado Yves. Primeiramente um feliz anno novo. Como assignante do "Fon-Fon" tenho tido opportunidade de ler o que você constantemente escreve. Li tambem por gentileza dum amigo "Uma Garçonne Carioca". Achei-a maravilhosa. Hoje faz parte de minha bibliotheca. Você foi de uma profundeza analytica impressionante. Vou passal-a a algumas amiguinhas que estão ao alcance de compreendel-a. Porque, seria erro lamentavel, querer negar a sua leitura. Agora, meu caro, não fugindo á regra, junto segue um trabalhinho meu para que você o julgue convenientemente. Caso mereça ser publicado ficarei satisfeito em vel-o no "Fon-Fon".

"P. S. Meu pseudonymo é Ney para o qual rogo responder, no "Saibam Todos... Baurú. São Paulo".

Ora, depois dos elogios que me faz, é-me difficil vencer os meus escrupulos para declarar que o sr. escreve com elegancia.

Em tempo: a sua collaboração vae ser publicada.

SALESIANA (S. Paulo) — Estupendo! A sua cartinha me levou á seguinte conclusão: ou v. ex. quer brincar commigo ou não liga muita importancia ao que escreve e ao que faz.

Escreve v. ex.:

"Campinas, 30 - 12 - 932. Senhor Yves. O tempo é máu convidando a gente a reler algumas revistas. Nelas eu contemplo o vosso trabalho, e é onde parece que vejo na pagina designada "Saibam Todos" uma palavrinha dirigida a minha pessôa.

Mas isso não acontece.

E hoje, desejando ha muito saber a minha grafologia, aos conhecidos interroguei, o que se devia escrever quando se dirigisse ao senhor Yves. Disseram-me: Em papel sem pauta basta a sua assignatura, algumas palavras, ou seja, um pensamento.

Mas eu vou adiante.

O senhor Yves poderá ver a minha grafia com as linhas que aqui deixo, e sem ser elas traçadas em papel sem pauta. Não é?

Ao grafologico cuja delicadeza se lê nos seus escriptos, dou toda a liberdade de critica tanto da parte de literatura, como minuciosamente peço-vos seja feita a minha grafia.

Ainda um pedido.

A resposta senhor Yves peço-vos me seja dada pela revista: "Fon-Fon" no seu primeiro o mais tardar no seu segundo numero de Janeiro, sendo então o meu pseudonymo

Salesiana."

"*Observações*: Letra não caprichada — escripta correu e — carta escripta ás onze e meia da noite".

Ora, o que acontece é coisa que fará rir a qualquer pessôa, por mais sizuda que seja. E sabe por que? Por que o seu papel é o que ha de mais pautado neste mundo. E' pautadissimo, isto é, cheio de linhas rectas como a sua alma e parallelas como a de duas creaturas que se amam e não se encontram nunca.

Mas eu creio que v. ex. não sabe o que é papel pautado.

Quanto ás informações que lhe deram, devo dizer que estão erradissimas.

Para graphologia, é necessario escrever vinte linhas, no minimo, sobre papel de linho, sem pauta e com o nome por extenso, tudo isso escrito em posição normal e em repouso de espirito.

Mas, ha ainda uma complicação. E' que só faço estudo grafologico de pessôas conhecidas ou que me procuram na redacção.

PLÍNIO MENDES (Capital) — Muito bem. Agora, as coisas se esclarecem. Isto é, a sua carta vem explicar, cabalmente, o motivo porque o seu conto foi publicado, sob o pseudonymo de João do Sul.

Leiamos a sua missiva:

"Rio de Janeiro, 24 de Dezembro de 1932. Meu caro Snr. Yves. — Em primeiro lugar os meus votos de Bom Natal.

Somente hoje pelo "Fon-Fon" vim a saber que o meu conto "O Homem que viveu pelo seu funeral" foi publicado no numero de 23 de Julho sob o pseudonymo que então usei de "João do Sul".

Occorre duas circumstancias que desejo explicar: —

1.°) que naquella epocha eu me encontrava *detido* em S. Paulo, onde a revolução se encarregou de impedir o meu regresso ao lar, e deixar de lêr o "Fon-Fon". —

2.°) quando mandei o conto com aquelle pseudonymo ignorava que o illustre confrade com quem não tinha ainda franca camaradagem, o publicasse, e tinha me arrependido de não cortar as "arêstas" pois o *Quaresma* é um typo que existe, e, como poderá verificar fiz algumas modificações agora. —

Grato seria se dissésse á respeito duas linhas na sua secção para não parecer que houve plagio!

Aliás eu não conheço outro João do Sul, mas pelas duvidas assignarei sempre os meus trabalhos.

Quanto ás gentilezas nada tem que me agradecer, uma vez que o illustre autor do "Suave enlevo" é muito mais attencioso para commigo, o que deveras me desvanece.

Sou sempre o seu admirador e att.° am.°

Plinio Mendes."

MARINA (Capital) — Encantado com a sua gentileza, apresento-lhe os meus agradecimentos pelos presentes — os dois — que me enviou, durante o Natal e Anno Bom, e retribuo os votos que fez pela minha felicidade.

Yves

Aos nossos leitores. — *Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 21-1-933

Data da consulta..........

Nome do consulente..........

....

A VIDA, SIMPLESMENTE...

De A. Beltram Sousa

MAIO. A noite ia em meio... Noite morna, com estrellas pyrilampiando na amplidão luminosa. Na mansão soberba, havia luzes, flores, sorrisos, musica, encantamento. Um mundo todo, pequenino, nos salões festivos daquella casa que era a mais bella e a mais falada de toda a redondeza... onde tanta gente, na confusão tumultuosa, na agitação colorida de vestidos transparentes, se divertia, de corpo e alma, ao som de maxixes malucos, na vertigem do modernismo... onde havia toda uma visão nitida de deslumbramento... enganadora felicidade... sorrisos... mulheres... alegria...

Maria Lucia. Vinte annos. Mocidade. Bellleza. Graça. Distincção. Maria Lucia era todo um poema de sonhos de noites encantadas, era a doce figurinha de mulher a quem o homem sente ansias de adorar, ajoelhado, como deante da immaculada... loura, de um louro atenuado, uns olhos grandes, grandes, nevoentos, como sonhando eternamente na busca de um principe encantado... fina, viva, um poema soberbamente bello e perfeito.

Na noite clara, a melancolia d'uma valsa, trazendo aos corações a sensação de momentos doces, suaves... no compasso de suas notas, um mixto de queixume e saudade... fazendo recordar. Pares felizes deslisavam no salão reflectindo despreoccupação, almas tranquillas. Maria Lucia, enlaçada por alguem, rodava, rodava, mansamente, ouvindo, com enlevo, palavras que traduziam inquietação. Carlos Alves. Uma distancia enorme. Alli, tão juntinhos, n'um symbolo de igualdade, representavam, no emtanto, vidas tão diversas. Carlos Alves, jornalista humilde, mourejava no diario da cidade, pelo pão de cada dia, n'um esforço herculeo, quasi anonymo, sem u'a mão protectora. Era pobre e viva só. Tinha é verdade, o brilho de sua intelligencia moça, sua penna vigorosa, mas, no jornal da localidade, ganhava apenas o necessario para viver a vida de todo o dia, todo o mez, todo o anno. Alli, representava seu matutino, no ambiente tão diverso daquelle da redacção simples atravancada de mesas, com papeis atirados aqui e alli, n'uma confusão interessante. E, nesse meio tão separado do seu, que elle, alma bôa e simples, educado num convivio sincero e amigo por um pae honesto e mãesinha dedicada nos rigidos principios da rectidão e respeito, fôra encontrar aquella com quem sonhára em infindaveis noites de meditação, ou em horas de trabalho, na redacção, emquanto os linotypos pediam originaes e elle ficava a olhar sem vêr, a sorrir, a acompanhar um pensamento balando, como em longa espiral pelo espaço em fóra... Encontrara alli, bem o sabia, todo o seu ideal de moço, todo o seu futuro architectado com anseios de mulher... Maria Lucia. Ella tambem idealizára. No aconchego morno de seu gabinete pequenino de moça rica, com almofadas, estatuetas, figuras de astros preferidos com mil e uma futilidades, perfumes que se evolam, reflexos côr de rosa de quebra luz artistico, ella tantas e tantas vezes ficára a pensar no seu amanhã... passava em revista, um a um, todos os seus conhecimentos masculinos e

(Cont. na pag. seguinte)

A VIDA, SIMPLESMENTE... — (Conclusão)

encontrára em todos aquelles homens, qualquer coisa de ôco de vazio... todos com os mesmos modos, attitudes estudadas... sem um traço mais forte, sem o timbre firme de um caracter elevado.

E, numa tarde em que pentrára no escriptorio de seu pae, encontrára um rapaz, entre timido e delicado, com olhar nobre e altivo, a dar os ultimos retoques em noticia sobre premeditada construcção duma fabrica, importante melhoramento para a cidade. E, sem saber mesmo porque, ella sentira algo de estranho no seu eu, comprehendendo que se infiltrára, alli germen minusculo e traiçoeiro: cupidóccocus (com a devida licença da sua descobridora).

Ao som dolente da musica, trocaram primeiras impressões e ella, ainda sem o saber sentia-se feliz, transportada a um mundo superior, ouvindo tudo o que lhe dizia aquelle rapaz, que era pobre e jornalista, tão differente de seus anteriores amiguinhos. Seriam assim todos os moços pobres? Superiores, delicados, irradiando sympathia?

Pela noite em fóra, ella não repellira Carlos Alves, que, attrahido pelo brilho daquelles olhos grandes, pela candidez daquella alma, antevia a realização de todo um longo sonhar.

Mas, a realidade dos dias que se sucederam: o pae de Maria Lucia, homem grosseiro possuidor de colossal fortuna, vinda quasi inesperadamente, sem esforços, oppuzéra-se a continuação daquelle namoro, como dizia com leve e ironico arrepio de labios... Razões Ora, as razões... elle não sabia que as qualidades de um homem valem todo o dinheiro da terra... Elle não comprehendia que um passado honrado representa alguma coisa mais que uma caderneta de banco repleta de algarismos... Elle não sabia o que era amor.

No emtanto, Carlos Alves e Maria Lucia não desanimaram. Elle dispendia actividades agora em jornal mais amplo, de centro maior. E os dias, os mezes succedendo-se numa febre de melhoria, numa ansia louca de galgar posições e conseguir ouro, muito ouro. Mas, si o ordenado era superior ao da cidade do seu amor, as despesas tambem cresceram e elle continuava na mesma situação afflictiva. Não desanimára, porém, graças á rigidez de sua vontade, tendo sempre a imagem, embora enganadora, da esperança.

Uma noite... noite de garôa e arrepio, elle recebeu o golpe frio, cruel, nervoso, do destino. Maria Lucia viria a capital com o pae; no emtanto, temendo sua presença, esse pae malvado tivéra a idéa luminosa de não mais fazer a viagem de recreio. E ella se submettêra.

Carlos Alves sentiu-se diminuido, abandonado. Como poderia Maria Lucia sujeitar-se assim sem um protesto? Não, não podia ser. A duvida terrivel veiu de mansinho, como sem querer, ao seu coração entristecido. Maria Lucia o esquecera!

Agarrando-se á ultima esperança, resolvêra escrever á mulher amada. E, pelas horas tardias, talvez caso virgem para aquella agencia do correio, um carta deslisára, brandamente, pela caixa collectora:

"Maria Lucia: Nem sei começar o que quero dizer a você, nesta noite tão distante, pelo tempo e pel

A NYMPHA DE ICARAHY

Eil-a que surge, na órla sinuosa,
Onde o mar, delirante, beija a areia...
Vem banhar-se... Mas como está formosa
Essa nereida, que o meu olhar enleia!

Despe o roupão; agora, assim radiosa,
Seu corpo, esbelto, voluptuoso, ondeia...
— E dizer-se que é lenda mentirosa
De que, "no mar, nunca existiu sereia!..."

ambiente, daquella em que pela vez primeira bailamos, da nossa noite. A noticia de que não mais você virá passear essa sua graça pelas ruas minhas confidentes fazem com que eu soffra dura e cruelmente. Maria Lucia: Por que me impôr esse soffrimento? Por que a amarga realidade de sua renuncia a toldar o nosso céo de felicidade, a desilludir-me de tudo e de todos? Explique-me, minha amiga, que ha nisso tudo um engano, engano horrivel, que faz tanto mal, que aniquila tantos sonhos... Minha amiga: Lembra-se que a nossa felicidade, a felicidade que parece vae aos poucos, passando brandamente, ao alcance de minhas mãos e de meus olhos molhados, depende toda de você... está na sua resposta... na sua letra fina e alongada que eu ha tanto acaricio, reservando horas tardas, quando de regresso da luta interior, subterranea, do meu jornal, para relêr, uma vez mais, uma ou outra de suas phrases que têm perfume, colorido, sabor...

Oh! si este seu retrato fosse bom e amigo, si elle tambem tivesse u'a amada, por certo, daria neste instante sua resposta... mas, elle fica em silencio.

Maria Lucia, venha. Eternamente encantado — Carlos."

Dois dias, terriveis, seculares. Da esperança ao abandono extremo, dos minutos bons de confiança, aos instantes amargos da duvida Carlos Alves, viveu ou não viveu, soffreu, passou horas... horas apenas na amplidão do tempo, na colmeia formidavel que é a capital gigantesca, com seu barulho, arranha-céos e casinhas humildes, igrejas e cinemas, automoveis e bondes theatros e bars, praias e passeios, prazeres e soffrimentos... e a letra fina e alongada de Maria Lucia, pels mãos trementes de carteiro idoso. Simplesmente tres letras e um traço rapido: — não.

Naquelle canto de salão de confeitaria da moda, onde eu e Lauro Dias bebiamos em goles com passados qualquer coisa sem importancia, ouvira, sem interromper, interessado, toda essa historia de um amor infeliz, de tristeza e abandono... E errando os olhos por aquella gente toda que, numa promiscuidade indesejavel, bebia *flirtava*, maldizia conhecidos e estranhos a pergunta bailou nos labios: — *Carlos Alves?*

— Era meu companheiro de redacção. Companheiro e amigo. Na noite desse *não* arrepiante, elle esteve deante de sua machina com as tiras de papel em branco, sem escrever, contemplando qualquer coisa muito longe... Depois, sem dizer palavra, enterrou com força o chapéo na cabeça com fios em desalinho e... nunca mais o vi.

Um silencio de recordação...

— Maria Lucia, u'a mulher sem coração... não poderia ter amado... Ou, então, u'a mulher sem vontades...

— Cala essa bocca! Maria Lucia era como muitas outras: pratica. Comprehendeu sua vida ao lado de um moço pobre, esquecida pelo pae, ella, habituada a festas, *baratinhas*, casa confortavel, mil futilidades, um quebra luz côr de rosa...

— Pobre mulher! Mantenho meu juizo. A' sua impressionante belleza faltava o complemento que é, afinal, tudo: o coração.

(*Do livro "Na cidade pequena"*).

Dir-se-á ser esculptura alabastrina,
Num misto de mulher e de menina,
Em quem sómente toca a luz solar!

Postou-se ali, naquella praia ardente,
Para encantar o meigo olhar da gente
E os gozos sensuaes do velho mar!

ADELINO MAIA

REDEMPÇÃO

TODOS os dias, ao cahir da tarde, eu a encontrava brincando com suas amiguinhas junto á porta de sua casa. Era uma garota graciosissima, muito loira e muito branca. Eu a olhava sempre com carinho, com alegria infantil: apaixonado por ella. A menina, que tambem se interessára por mim, olhava-me attentamente. Não sabia eu si por curiosidade ou sympathia. Então, eu não sabia penetrar o complexo sentimento dos meninos. Mas ella olhava-me longamente, e seu olhar, longe de cohibir-me ou perturbar-me, me indemnizava de tanta adoração. Por sua vez, a linda pequena, ao sentir-se olhada por mim, não podia evitar que se lhe colorissem as faces com esse rubor inato nos meninos encabulados.

Um dia, desejando escutar o metal de sua voz, que suppunha voz de anjo, me detive a seu lado. A pequena, que não esperava de minha parte tal ousadia, ou tal ventura, quiz fugir, mas não conseguiu mover-se. Sorri-lhe, com ternura, e ella, toda ruborizada, correspondeu levemente a meu sorriso. Perguntei-lhe, então:

— Tens médo de mim, garota?

— Não, senhor — respondeu ella, com doçura.

— Então... por que ficaste séria?

A essa nova pergunta não me respondeu. Eu continuei:

— Como te chamas?

— Helenita.

— Helenita? Que bonito nome! Mas Helenita de que?

— Moraes.

— Moraes? Muito bem.

Achei imprudente continuar meu interrogatorio, e offereci-lhe uma moeda.

— Toma, Helenita, para comprares caramelos.

Como si negasse a acceitál-a, insisti:

— Toma. Julgar-me-ei offendido si a recusares.

Ella acceitou, afinal, a moeda, e disse um agradecimento com sua voz crystalina, emquanto seus olhos pareciam sorrir-me. Eu me dei por bem pago, e retirei-me. Nunca como aquella tard meu coração battêra com tão infinita alegria.

* * *

Desde aquelle dia Helenita Moraes, a menina loira, encheu por completo meu pensamento. Todas as tardes eu a via junto á porta de sua casa e me comprazia em dizer-lhe adeus ao passar a seu lado, pousando uma de minhas mãos sobre sua cabecinha de fios luminosos. Ella, correspondendo a meu desejo de agradar, sorria-me, carinhosa...

A verdade é que, naquelle tempo, eu desconhecia a chave dessa subtil arte de agradar, com que muitas pessôas conquistam a vontade dos meninos. Eu não era effusivo nem lisongeador, e, no emtanto, sentia em meu coração um sentimento muito grande e muito nobre para elles. Correndo o risco de passar por esquisito ou por scéptico, mas obedecendo talvez a um impulso muito superior a minhas forças, suffocava á flôr dos labios todas essas ingenuas expressões do amor ás crianças, que constitúe muitas vezes a arma com que se lhes fere. Eu meio de minha solidão de homem sem fortuna e sem affectos, eu não sabia si devia invejar ou odiar a tantos mercadores de affectos que não reparam em ir prodigalizando-se ignominiosamente. Hoje, embora não haja variado em meu modo de ser, comprehendo que sou mais expressivo, mais carinhoso..., mas tambem menos sincero.

Mas voltemos ao assumpto. Helenita, no correr dos dias, acabára por se familiarizar commigo. Si alguma tarde, obedecendo ás exigencias de minhas occupações, eu não passava pela frente de sua casa estava certo de que aquella noite o somno da menina não seria tranquillo. Deduzia isso pelo duplo regosijo com que, no dia seguinte, ella festejava a minha passagem.

Como de vez em quando eu me detinha uns minutos a conversar com ella, soube por sua boquinha que não tinha papá e que sua mamã, quando ella lhe perguntava por elle, sempre lhe respondia que morrêra.

— Mamã é muito bôa — disse-me uma tarde. — Ella gosta muito de mim. Hontem lhe falei do senhor... Disse-lhe que tinha um amigo, que era um senhor muito bom... e que quizéra que fosse meu papá.

De J. B. Segura

— Isso não póde ser, Helenita — balbuciei, emocionado.

Ella entristeceu:

— Por que? O senhor não gostaria de ser meu papá?

— Com mil amores... Mas... que disse tua mãmã?

— Não me disse nada. Mas ficou triste e chorou muito.

Quando me separei della, uma grande pena e uma grande alegria encheram meu coração. Aquella obedecia ao justo temor de que nunca se pudesse realizar aquelle formoso desejo da garota, que era tambem meu. Quanto a minha alegria, correspondia ao facto — talvez possivel — de poder um dia dar o doce nome de "filha" aquella preciosa bonequinha loira a quem tanto adorava.

* * *

EU não poderia affirmar si a Providencia obrára um milagre. Mas o certo é que, uma tarde, quando eu passava, a menina me deteve e, tomando-me pela mão, me disse:

— Senhor: venha commigo.

Sem o menor gesto de opposição, me deixei conduzir. Entrámos na casa — uma modesta casa de habitação collectiva — atravessámos o primeiro pateo, e, numa das habitações que constituiam o segundo, a menina loira me obrigou a entrar. Justamente constrangido, quiz resistir. Mas ella poude mais do que eu, e arrastou-me para dentro.

— Mãmã está só e tem muita vontade de conhecêl-o.

Dentro da habitação uma mulherzinha ideal, frágil como uma boneca, recebeu-me com um suave sorriso nos labios. Eu correspondi a esse sorriso, descobrindo-me e extendendo-lhe a mão, affectuoso.

— Este senhor é o amigo de que te falei tantas vezes — disse a menina a sua mamã.

E, sem esperar que nenhum dos dois pudessemos articular uma só palavra, sahiu da habitação, fechando a porta.

A sós a mãmã e eu, depois de insistir ella para que eu me sentasse, iniciámos a conversação. Eu elogiei muito, e com grande sinceridade, os encantos da menina, e ella, por sua vez, me informou de quanto a garotinha lhe havia dito a meu respeito. Durante nossa palestra fomos familiarizando-nos, e chegámos ao ponto em que ella, com o coração aberto, num impulso de sinceridade, me fez conhecer a angustiosa situação por que atravessava. O pae de sua filhinha, embora houvesse morrido para as duas, gozava da melhor saúde no mundo dos vivos. Fôra um homem embusteiro e canalha que lhe apparecêra na vida para apaixonál-a, promettendo-lhe paraisos de ventura que foram, no emtanto, calvários de dôr. Mas ella não lhe guardava rancor por sua vil conducta. Aquella menina loira, bôa, fructo de um amor de ventura, a indemnizava sufficientemente de tão grande dôr. Era verdade que não tinha recursos, que sua saúde não lhe permittia maiores sacrificios; mas, graças a uma bôa recommendação, sempre conseguira arranjar alguma costura, com a qual ia levando a sua vida honestamente.

Aquella confissão sincera da pobre mulherzinha vexada e abandonada chegou-me ao mais profundo do coração. Confesso que naquelle momento um sentimento de redempção e de justiça me fez esquecer tantos gestos irreflectidos que perdem muitas almas propicias ao bem. Quiz dizer-lhe alguma coisa muito bonita, que palpitava em meus labios, mas faltou-me a coragem. Não era temor, não era escrupulo algum o que me fizéra emmudecer. Eu desejaria que alguem, sentindo por mim, vertesse em seus ouvidos aquellas doces palavras que se diluiam á flôr de meus labios... Implorava á Providencia este ultimo bem, e já não esperava alcançal-o, quando, de repente, irrompeu na habitação a menina loira, indo abrigar-se no regaço da mãe, chorando amargamente e queixando-se que alguem, ao passar, a tinha insultado fazendo referencia a minha visita.

Ao ouvir isso, reagi milagrosamente. Cego, apaixonado vingador, levantei-me de um salto e corri para a garota, que tomei nos braços, e, beijando-a na fronte, nos olhos, na bôcca, muitas, muitissimas vezes, lhe disse, exaltado e sincero:

— Minha filha!

E, emquanto cessava o pranto da menina, percebi um pranto mais formoso, mais puro, maior. O pranto da mãe!...

O FILHO DO COMMISSARIO

— OLHE, *seu* guarda: este menino parece que está perdido.

A dignissima autoridade policial se aproxima do garoto indicado, que apparenta de quatro para cinco annos, e não sabe que providencia tomar.

— Escuta, menino: que fazes aqui?

— Eu?

— Estás perdido?

— Hein?

— Pergunto si andas perdido.

— Eu quero ir para casa.

— Justamente! E' isso o que te pergunto. Onde moras?

— Em minha casa.

— E em que rua fica tua casa?

— Não sei.

— Muito bonito! Não sei como deixam assim os meninos, soltos e sem qualquer documento. Que custaria aos paes collocar um papelzinho, preso no avental, com o nome, o domicilio e outras indicações da criança?

— Eu quero ir com mamãe.

— Como se chama tua mãe?

— Mamãe.

— E teu pae?

— Papae.

— Mas isso não é nome, garoto! Isso é grão de parentesco. E tu, como te chamas?

— Eu?

— Sim, tu.... Teu nome. . Como é teu nome?

— Não sei.

— Como te chamam em tua casa?

— Pichin.

— Pichin?... Que nome esquisito! Eu não sabia que existisse São Pichin.... Parece mais nome de cachorro que de gente. Dize-me: tu moras num apartamento ou num quarto?

— Em casa.

— Isso tu já me disseste. E em tua casa, que fazem?

— Nada.

— Teu pae não faz nada?

— Sim.

— Que faz, então?

— Fuma um cachimbo muito grande.

— Nada mais?

ANTIGUIDADE DO PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Não é, de modo algum, um caso actual, em nada, o problema da habitação, que tanto deu que fazer até bem pouco tempo e só agora em parte está conjurado. Tão antigo é, que, se póde dizer, tem a edade da historia.

Na Phenicia e no extremo Oriente era tal o valor do da area de terreno, que se construiam casas de trés, quatro e até cinco e seis andares.

No tempo da Roma imperial affluiam para ella gentes de todas as partes e, como naquella época não havia os meios de transportes que temos hoje, as construcções tinham de ser reduzidas a um raio que não ultrapassasse os limites da cidade. Faltavam, portanto, habitações e a população se agitava.

Vejamos, agora, como as leis de

PLAGIOS E PLAGIARIOS

Sob o titulo "Sonetos Brasileiros", o dr. Laudelino Freire, da Academia Brasileira de Letras, publicou annos atraz uma collectanea contendo 500 sonetos, de 500 poetas nossos, sendo que somente de 19 deixou de juntar o respectivo retrato.

Abre o precioso volume Gregorio de Mattos Guerra, nascido na Bahia em 1623 e fallecido em Pernambuco em 1696, com o soneto *A uma tormenta*, que assim começa:

Na confusão do mais
[horrendo dia...

E assim termina:

Relampagos, trovões,
[raios, coriscos,

Pois ha poucos dias li, numa revista literaria, o soneto do morto com a assignatura de um vivo. A este que não falte, no resto da vida, para purgar o feio peccado do plagio, uma sogra que lhe dardeje sobre a cabeça: *relampagos, trovões, raios, coriscos!...*

E' de estranhar que existam plagiarios nesta

De Vicente Vega

— Nada mais.

— Deve ser um pintor modernista. Pelo que vejo, não vou tirar nada a limpo deste pobre Pichin. Leval-o-ei á delegacia. Vamos, menino. Dá-me a mão e vamos passear um pouco.

O garoto começa a andar pela mão do guarda, a caminho da delegacia.

— Talvez nos encontremos com alguem que o conheça. Deixar assim abandonados meninos tão pequenos numa cidade como esta!... Bom par de cataplasmas devem ser seus paes!

— Estou com sêde.

— Espera um pouco. Ali, aonde vamos, te darão agua para beber.

— Estou com vontade...

— Sahiste a passear desprevenido. E agora estás com sêde...

— Estou cansado!

— Ah, filho! Tambem eu estou. Todos nós ficamos cansados neste mundo. Uns, procurando a mamãe; outros, guardando as casas e perseguindo os ladrões, para que não falte o pão de cada dia...

— Estou com fome!

— Parece que só o nome de pão te abre appetite?

— Estou com sêde!

— Sim. Já mo disseste. Mas não podemos parar.

— Estou cansado!

— De verdade? Queres que aluguemos um automovel?

— Quero *aúpa!*

— Mas não chores, garoto!... Que criança enjoada! Não sabe fazer outra coisa sinão pedir. Tem sêde, tem fome, *aúpa*... Não. Para ser tão pequeno não é tão pequena calamidade o garoto... Já chegámos. Felizmente! Entra por aqui... Dá licença, *seu* commissario?...

— Filho de minha alma e de meu coração!... — exclamou o commissario. — Aonde vaes com este homem?

— Mas, é seu filho?... O senhor tem um filho encantador, *seu* commissario! Que lindo garoto! E tão bomzinho!...

---

outros tempos coincidiam, no fundo, com as que, actualmente, temos estabelecido a esse respeito.

No anno 48, o pretor Marco Celio Bufo conseguiu pôr em execução uma lei pela qual o proprietario ficava isento do pagamento dos impostos durante um anno. Como era natural, a providencia teve um exito completo. Esta concessão foi annullada por Cesar e Octaviano, mas, em compensação, fixou-se um tributo de dois mil sestreios para todos os proprietarios das cidades pequenas.

Para se ter uma idéa do que custava o aluguel de uma casa em Roma basta recordar o que Juvenal escreveu a respeito, dizendo que — com o que se invertia no pagamento do aluguel de uma casa naquella cidade se poderia adquirir uma alegre casita com jardim em Sora, Frosinone, etc.

Até os antigos papas tiveram que ver com estas irregularidades e suas resoluções ainda eram mais radicaes.

Nos fins do anno 400 e em principios do 500, distinguiram-se pelas suas preoccupações em tal sentido os papas Paulo II, Julio II e Paulo III, chegando-se, no tempo de Alexandre VII a propor que, passados três mezes que um inquilino habitasse uma casa, se lhe fizesse grande reducção no aluguel.

De Leopoldo D. Amaral

terra, quando abundam os poetas e a poesia é tão pouco valorizada.

Não são unicamente os poetas mortos as victimas; tambem ha quem plagie poesias dos vivos.

Operoso escriptor e philosopho nortista, autor de admiraveis obras de pensamento, cultor das musas na mocidade, compoz sonetos que rivalizavam com os dos nossos melhores sonetistas.

Certa occasião, achava-se esse escriptor em palestra com alguns amigos na Avenida Rio Branco, quando se lhe approximou um joven sympathico, de semblante alegre, que, alteando a voz, lhe disse, com jovialidade e desenvoltura:

— F., que prazer sinto em vêl-o! Venha de lá um abraço...

E, após o abraço, a contragosto recebido pelo outro, proseguiu:

— Li, ha tempos, um esplendido soneto seu! E gostei tanto, tanto...

— Penhora-me a gentileza do amigo — disse, contrafeito, o escriptor, interrompendo-o.

E o seu jovial interlocutor, concluindo:

— Que o publiquei com o meu nome!

Os Romances de FON-FON

Constituem um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

Preço das collecções:

		PELO CORREIO
EPOPÉA DE AMOR — 9 fasc.	4$500	5$400
FAUSTA — 10 fasc.	5$000	6$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasc.	4$500	5$400
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasc.	4$000	4$800
AMORES DE NANICO — 8 fasc.	4$000	4$800
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasc.	8$000	9$600
CAPITAN — 14 fasc.	7$000	8$400
BURIDAN — 19 fasc.	9$500	11$400
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasc.	4$000	4$800
AMANTES DE VENEZA — 7 fasc.	3$500	4$200
O CASTELLO SAINT POL — 9 fasc.	4$500	5$400
JOÃO SEM MEDO — 6 fasc.	3$000	3$600
HEROINA — 14 fasc.	7$000	8$400
NOSTRADAMUS — 13 fasc.	6$500	7$800
DON JUAN — 7 fasc.	3$500	4$200
REI AMOROSO — 9 fasc.	4$500	5$400
A GRANDE AVENTURA — 8 fasc.	4$000	4$800
O RIVAL DO REI — 7 fasc.	3$500	4$200
TRIBOULET — 8 fasc.	4$000	4$800
PATEO DOS MILAGRES — 10 fasc.	5$000	6$000
PASSAVANT — 9 fasc.	4$500	5$400
MARIA ROSA — 8 fasc.	4$000	4$800
FLORES DE PARIS — 20 fasc.	10$000	12$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasc.	2$500	3$000
O CONDE REI — 6 fasc.	3$000	3$600
A RAINHA DO ARGOT — 13 fasc.	6$500	7$800
O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasc.	4$000	4$800
O FIM DE FAUSTA — 8 fasc.	4$000	4$800

Pedidos á **EMPRESA "FON - FON" E SELECTA S. A.**

Rua Republica do Perú, 62 — RIO DE JANEIRO

ANNO XXVII — FON-FON — NUMERO 3

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1933

OS NEGROS BRANCOS

POUCOS brasileiros sabem quem seja Eric de Crail. Mas todos devem sabê-lo. E' o autor dum livreco de 187 páginas, publicado em 1929 por Eugéne Figuiére, editor parisiense, Intitula-se *Chez les négres blancs* e do primeiro ao último periodo diz horrores do Brasil.

Êsse escriptor de quinta classe não conhece o nosso paiz. Esteve — diz êle — tres mêses no Rio de Janeiro. E isso lhe bastou para somente achar defeitos em tudo. Não sei por que se demorou tanto tempo...

Em outubro de 1927, o nosso homem resolveu fazer uma viagem e, depois de ter realizado descobertas desta espécie: *quand chez nous sévit l'hiver, sur l'autre hemisphére on se trouve en plein été*, decidiu-se a conhecer o Rio. Então, começou logo a maldizer a idéa, porque exigiram, para visar-lhe o passaporte, atestado de vacina, fôlha corrida, declaração de idade, estado civil, religião e profissão, como se todas as nações do mundo não pedissem para idêntico fim mais ou menos a mesma cousa. Na França, é necessario até o *permis de séjour*.

Emfim, embarcou em Marselha e falou mal de Marselha, para fazer espirito ou se dar ares de imparcial. A travessia ofereceu-lhe ensêjo para graçólas batidas e baratas. Chegou ao Rio á noite. Os colares de luzes das praias só lhe causaram uma impressão: a dum *décor sans fond*. As autoridades que subiram a bordo eram, na quasi totalidade, negros. Talvez por ser de noite... Queixa-se da falta de polidez do inspetor da policia marítima que lhe perguntou: — Endereço? ao invez de usar uma frase gentil: — Faça o favor de deixar seu endereço. Tenho estado algumas vezes na Europa e nunca vi o estrangeiro ser tratado por aduaneiros e policiais com todas essas etiquetas. Vi, geralmente, o contrario.

Um auto o transportou ao Gloria. A Avenida estava deserta, sem luz até nos terraços dos cafés. Sem dúvida, era de madrugada. Não podendo achar o hotel feio ou sujo, lastima-se por causa do barulho dos bondes e dos vizinhos de cima e de baixo, através do cimento armado, prova de ter ouvidos de tisico.

No dia seguinte, chovia, o que é proprio só do Brasil, pois na Europa, sobretudo em França, é sabido que não chove... Falta á cidade a linha harmoniosa. O centro, com o Castelo em remoção, parece um arrabalde. A humidade desagrada-lhe. Decerto, êle nunca a sentiu em Paris. Vai ao porto tratar do desembaraço da bagagem, com uma carta dum dos nossos diplomatas. Não fazem caso dela e exigem o pagamento de alguns direitos. O homem mostra-se impaciente e arrota importancia. Os empregados mandam-no bugiar e tratam de atender outros passageiros. Rala-se e declara que — *quand un brésilien débarque en Europe avec une recommandation du ministre de France on est un peu plus courtois*. Entretanto, eu e muitos brasileiros sabemos por experiencia propria que não é tanto assim...

Um cavador oficioso intervem. Fala francês. Explica tudo aos funcionarios e as malas sáem. Cobra, porém, o serviço: cem mil reis. O francês, que não sabe a lingua, cái no conto, paga e bufa... Motivo para uma tirada sobre a safadeza e a venalidade dos brasileiros.

Os hoteis do Rio são *caravansérails* modernos. Deixando o Gloria barulhento, vai para o Copacabana, que acha limpo, mas pouco confortavel, com camas durissimas. Daí anedótas singulares...

A chuva continúa a molestá-lo. O Brasil é o unico país do mundo onde chove! Não ha jardins. As casas são horriveis, sujas, sem higiene, mal tratadas. Os taxis correm muito, são de marcas baratas americanas e todos se parecem, o que se não justifica. A Guanabara só é bela quando ha sol, o que somente acontece de tres em tres dias (*textual*). As pessôas andam na rua dando encontrões, são antipaticas e olham o forasteiro com má vontade. A população está, na verdade, menos negra do que ha dez anos, mas ainda é negra. As lojas não valem nada. E' dificílimo fazer compras, porque as farmacias vendem livros e as perfumarias, instrumentos de música e de cirurgia. Nas finanças, a queda da moeda é tão grande que o mil-reis substituiu como unidade o *reis* (*sic*). Os bancos tiveram o mau gosto de se reunirem no mesmo quarteirão. Todos os objétos de consumo são selados, como se na Europa êle nunca tivesse visto isso!

O tal Eric faz nova descoberta sensacional: *promenez-vous vers midi sur la plage, vous chercherez en vain votre ombre. Celle-ci qui, en Europe, est notre compagne ordinaire, ici semble avoir disparu*. E conclúi afoitamente: *C'est à cause du soleil, presque vertical, que l'on éprouve cette sensation*. Ora bolas, vir de tão longe para descobrir isso!...

Oról das cousas más prossegue. O café é bom, porem mal preparado. Não faz calor como devia fazer nos tropicos. O Casino de Copacabana zomba da policia e é frequentado por leprosos! Ninguem usa capacetes coloniais! Oh! Os maridos não consentem que se namorem suas mulheres! Oh! Oh! No carnaval, se abusa do lança-perfume, os negros-pretos é que lhe dão animação e a transmitem aos negros-brancos... Os brasileiros matam-se em plena rua e são absolvidos por privação de sentidos — o que, infelizmente, é verdade.

Tirando duas ou tres observações justas dêsse jaez, o mais não passa dum amontoado de lugares comuns, sandices e achincalhes, denotando constante má vontade, sobretudo no sentido duma propaganda contra o turismo que procure o Brasil. Desejaria, portanto, saber quem teria pago a propaganda a êsse tal Eric. O preço não deve ter sido alto, porque o autor é barato e baixo...

GUSTAVO BARROSO

O ERRO DO CORREIO

OH! Uma carta? E uma carta que começa assim:

"Martha — Não sei si você guardou de mim as saudades immensas que me prometteu. O certo, porém, é que ainda me lembro muito daquella ruidosa noite em que dançamos, duas vezes. Duas apenas... E, no emtanto...

Ah, Martha!

Com que encanto revejo, agora, na imaginação em repouso, o seu typinho de boneca "mignonne", que alguem deixou a um canto de bazar, com medo do seu sorriso malicioso...

Boneca! Sim, você é bem uma encantadora boneca, feita para ser embalada nos meus braços fortes e amorosos. Uma boneca tal como aquella que Maurice Rostand dizia trazer comsigo, na travessia dura da existencia.

Recordando-a, eu tenho a impressão exacta de que atiraram um pouco de cinamomo ou ferrugem, dentro dos seus lindos olhos redondos. De uma melancolia muito espiritual, digna das mulheres nostalgicas de Loti, fizeram a graça do seu sorriso fugidio... E seu cabello? Não me lembra a côr de que elles são. Lembro-me apenas de que rescendiam a "Santal", de Guerlain.

Eu o sentia bem, quando, ao trepidar dos *foxes* desengonçados, você, com o seu vestido esguio e côr de ouro, vibrava nos meus braços... O perfume subia. Voava para o meu rosto. Meu rosto que estava perto do seu, quasi abrazado pelo calor das suas faces, que ficariam bem numa figura de moça—réclame de pó de arroz ou de *rouge*.

Eu tive uma phrase banal:

— Parece que danço com um vidro de perfume...

— Um vidro de perfume ou uma garota?

— Uma garota que é um vidro caro de perfume — annui.

Depois, eu fui, docemente, encantadamente, deliciosamente, despetalando, sobre a sua cabeça inquieta, as flores dos meus galanteios successivos.

— Levo saudades do seu sorriso indefinivel, bordado de reticencias vadias... E dos seus bellos olhos malandros... E dessa bocca subtil que é uma fonte vermelha de peccados... E desses cabellos, que excitam pelo perfume... E dessas mãos de princezinhas e fadas de Maeterlinck...

— Só? — zombou você.

— Levo saudades da festa... Por que não?

— E de quem mais?

— De você...

*

Quando o *fox* findou, tive a idéa perfeita de que era um sonho sonoro que se esvaia, como o perfume dos seus cabellos bonitos e macios.

Lembra-se, Martha?

*

E', de certo, uma alegria saudavel, um encanto indizivel, uma volupia dos olhos, da mente, do coração e da alma, rodar, numa noite de baile, com uma boneca nos braços, — e passar... Passar, fugazmente na vida de uma garota bonita, sem deixar saudades nem impressão... Passar ligeiro, atordoantemente, como a centelha dourada de uma estrella, riscando o fundo de um céo distante, muito azul e sem nuvens...

Adeus, Martha, minha boneca de uma noite...

Marcos."

*

Foi essa a carta, a unica, impressionante e sincera, que encontrei, hoje, sobre a minha mesa. Que tristeza!

Terá sido engano do correio? Afinal eu não me chamo Martha; eu me chamo simplesmente — Yves.

LETRAS FEMININAS

Mais do que nunca, Didi Caillet confirma o titulo de «Miss Intelligencia», que lhe deram quando conquistou o de «Miss Paraná». Primeiramente, ella nos offereceu um livro lindo, — «Taú» —, que era o relicario dos seus sonhos, das suas fantasias, dos seus anseios de moça. Agora, ella nos dá uma obra de maior amplitude, e onde melhor se crystalizam as suas qualidades de espirito. Essa nova obra é o romance «Reviver», que se lê com encanto crescente, pois nelle Didi Caillet teve o cuidado de observar os requisitos necessarios para que um livro tenha plena acceitação: leveza, graça, intensidade de acção e synthese. Didi Caillete é, portanto, nas letras femininas actuaes, um nome duas vezes victorioso.

HISTORIA CURTA

PAULO WERNECK

LAVINIA estava contente.

Chegára o dia do casamento.

Revia os vestidos do enxoval, a grinalda de flores de laranjeira, o vestido de setim branco, os sapatos rasos, as meias de sêda, a pequenina cinta elastica.

O "livro de missa" fôra presente de dona Sinhá.

Dona Sinhá era a madrinha do noivo. Tinha trinta e oito annos, um corpo fino, flexivel, quanto possivel, harmonioso. Dizia-se viuva de um magistrado de S. Paulo, chamado Cerqueira Lopes. Não se lhe conhecia familia. Vivia só, numa modesta casa de Botafogo. Possuia dois gatos, uma arara, um papagaio, dois canarios belgas e um xexéo.

Lavinia fôra duas ou tres vezes á sua casa, por insistencia do noivo. Não sympathizava com d. Sinhá. Gostava dos passarinhos, principalmente do papagaio. Achava graça na sua algaravia, lingua de trapo, confusa: "Quem vem lá, meu louro?"

"Sinhazinha, do meu coração! Sinhazinha, Sinhazinha!" Lavinia achava graça. "Quem vem lá, meu louro?" "dr. Henrique, Henriquinho, meu amor!" O dr. Henrique Vieira era o seu noivo. Conhecêra-o num baile familiar, na casa do desembargador Porphirio de Souza. Do pégo do coração vinha-lhe a lembrança da impressão profunda do seu primeiro olhar: um abysmo de sonho e de esperança que se abriu aos seus pés! Teve mêdo de desmaiar quando acceitou o seu convite para dançar (teria sido mais facil recusar)!

Dançou não uma, mas tres ou quatro vezes. Nos intervallos das contradanças trocaram impressões. Falaram dos astros da via-lactea, das *virgens mortas* de Olavo Bilac, dos contos de Machado de Assis, das peças de Arthur Azevedo, das graças de Paula Ney e Emilio de Menezes, do jogo do bicho, do Jardim Zoologico, da cartomante Zizinha, do hierophante Mucio Teixeira, de Dona Sinhá!

No fim da festa, Lavinia fôra apresentada a D. Sinhá, madrinha de Henriquinho. Achou-a fria, indifferente, e quasi triste. Os seus olhos negros brilhavam. Trajava com apuro um vestido de rendas pretas. Perto do hombro, um broche de brilhantes. Attitude de estatua. Trocados os cumprimentos da apresentação, D. Sinhá retirou-se para um canto do salão. De vez em quando, Lavinia encontrava o olhar distrahido de Dona Sinhá! Henriquinho louvava a belleza, a educação, o sentimento artistico de sua madrinha. Dissimulava um segredo. Passaram-se muitos mezes, bem contados. Dois annos. Ficaram noivos. Marcára-se, emfim, após oito mezes de noivado, o acto do casamento. Era no dia seguinte. 15 de fevereiro, a data feliz. Coincidia com o anniversario de d. Sinhá. Fazia ella naquelle dia 39 annos. Lavinia estava contente. Revia os vestidos do enxoval, a grinalda de flôres de laranjeira, o vestido de setim branco, os sapatos rasos, as meias de sêda, a pequenina cinta elastica. Sentiu a alma pura das coisas, na harmonia do branco. O seu vestido de cauda parecia o de uma rainha. A grinalda coroaria a sua cabeça risonha. Voltou o pensamento para coisas distantes, sonhos vagos, esperanças fagueiras, venturas radiosas, alegrias balsamicas, ternuras aladas, devaneios impossiveis, immateriaes... Sonhava acordada. Fôra surprehendida, nesse estado, pela presença de sua mãe. Esta tinha a cara fechada, como quem guarda um segredo terrivel. Olhou-a

(*Continuação na pag. 23*)

C. da Veiga LIMA

Caverna de Ali Babá

PASTILHAS

"Em todas as coisas — dizia Bismarck uma vez ao Landtag, á Dieta Prussiana — ha dois caminhos a tomar. Ao futuro cabe decidir qual o bom e qual o errado. Mas um governo seguirá o caminho da perdição quando começa a fazer ora isso e ora aquillo, promettendo hoje para esquecer amanhã. A fluctuação não lhe é permittida. Desde que escolheu seu rumo, deve seguir para deante, sem olhar á direita ou á esquerda. Se hesitar, é fraqueza e toda a vida publica soffre."

No Brasil nada disso é verdade. O que se passa é justamente o contrario. Será por que, como o mar e o céo, um aqui reflecte o outro. Aqui os malabarismos das fluctuações e promessas ajudaram sempre o manejo da velha barca do Estado...

* * *

O maior inimigo da felicidade do operario é aquelle que o explora para fins eleitoraes e outros com partes de grande desinteresse. E' o maior inimigo da felicidade do operario, como dizia Blanqui, justamente por saber que, se elle fôr inteiramente feliz, jamais o ajudará a fazer revoluções — seu melhor meio de vida...

* * *

As phrases vazias são as que mais arrastam as multidões, escreveu o autor do Impire Liberal. Por que? Porque o povo é aquillo que de mais vazio existe no mundo...

* * *

A vida é uma cadeia de interesses reciprocos, que parecem contradictorios. Nessa machina formidavel, cada um de nós representa uma roda *dentada que é obrigada a mover-se acompanhando as outras. Se pára ou se quebra, perturba a marcha de todo o conjuncto. E dahi o facto inegavel de ser o egoismo o maior dos erros...*

SÉSAMO

Herman Lima é, nas letras modernas do paiz, um nome consagrado. Laureado, mais de uma vez, pela Academia de Letras, dispensa qualquer commentario sobre o brilho do seu espirito e das suas qualidades de prosador scintillante. Assignalemos, somente, que a sua bagagem, bem como as letras nacionaes, acabam de ser enriquecidas com mais uma obra de pulso, devida á penna do joven e vigoroso escriptor. Herman Lima dá-nos, agora, um romance sertanista, intitulado «Garimpos», e que é a historia real, vivida, nos lances culminantes de dramas intensos do «hinterland», por esses caçadores de pedras preciosas. «Garimpos», que apparece numa linda edição, é um livro destinado ao mais franco successo literario.

No concurso recentemente organizado pela Prefeitura do Districto Federal para os trabalhos de decoração do Theatro Municipal, para o grande baile carnavalesco de segunda-feira gorda, obteve o primeiro logar, com maioria absoluta dos votos da commissão julgadora, o nosso querido companheiro Renato Palmeira. Esta victoria magnifica da arte moderna e impressiva de Renato Palmeira foi recebida com applausos geraes, proporcionando aos seus collegas de FON-FON grato ensejo para uma «manifestaçãozinha» de jubilo, de corpo presente, ao artista tão justamente galardoado. Carnavalesco dos pés á cabeça, «bamba», de facto, nas folias de Momo, Renato Palmeira, nos trabalhos com que se apresentou ao concurso da Prefeitura, foi, realmente, felicissimo. Interpretou, com muito movimento, colorido e fidelidade de expressão, varios motivos do carnaval carioca.

Na sua rapida estadia nesta capital, por onde transitou domingo passado, a bordo do «Arlanza», a embaixada especial que a Argentina manda á Inglaterra para retribuir a visita do principe de Galles áquelle paiz, recebeu, aqui, varias homenagens officiaes, destacando-se, dentre todas, o almoço offerecido, no restaurante do Hippodromo Brasileiro, pelo ministro das Relações Exteriores, e no qual tomaram parte, além dos membros da delegação argentina, dr. Julio A. Roca, dr. Miguel Angel Carcano e senhora; dr. Guilherme Lequizamón, coronel Alberto de Oliveira Cezar, capitão de navio Francisco Stewart e senhora; dr. Toribio Ayerza e senhora e dr. Adolfo Orma (filho), o embaixador Mora y Araujo, altas autoridades brasileiras, diplomatas e outras pessôas gradas.

Flagrantes do baile á fantasia que se realizou sabbado ultimo, nos salões do Automovel Club do Brasil, e que resultou numa festa de alta elegancia e de grande brilho mundano.

Alto-Falante

Leão de Vasconcellos apparece-nos, agora, com um novo livro de versos — «Tatuagens Sentimentaes». Um novo livro que traz, palpitante de expressivo encanto, a revelação de um rythmo novo, de uma nova feição poetica da sua arte encantadora. Porque, de facto, em «Tatuagens Sentimentaes» a alma do autor de «Rythmos Barbaros», «Poemas para esquecer» e «Canto Novo do meu Amor» manifesta-se sob uma nova modalidade lyrica, revelando a inquietação de uma realização artistica intensamente subjectiva. Os novos poemas de Leão de Vasconcellos, curtos, incisivos ou cheios de reticencias vagas, têem um colorido de borboletas multicores, volitando num ambiente de sonho. Fazem lembrar os «tankas» japonezes e o expressionismo lyrico da poesia oriental. E' uma obra interessantissima, essa que o festejado poeta patricio vem de publicar e que, certo, marcará um grande successo de livraria.

UM CREADOR DE BELLEZA

A arte fidalga, suggestiva e impressiva de Edvard Carmilo proporcionou-me, domingo ultimo, através das paginas de Humildade e Jardim Fechado, mais uma communhão espiritual, dessas que se guardam, para sempre, na memória e no coração, porque são encanto e deliciosa conforto para a nossa alma.

Artífice maravilhoso da palavra escripta, esse prince charmant que vive, em S. Paulo, a dar expressão e movimento á sua idealidade artistica, é um silencioso creador de belleza, a fazer-nos lembrar, pela castiça singeleza do seu estylo corrента, como um veio d'agua pura e fresca, o suave lyrismo dos poemas de Tagore.

As coisas simples, os symbolos mais humildes da vida, as expressões mais singelas e mais commovidas do coração — é interessante assignalar — é que mais tocam e impressionam esse espirito de alta linhagem, de uma sensibilidade raffinée, a exaltar, enternecidamente, o orvalho, a aza de um moinho abandonado, um pintasilgo chilreante, uma enxada tosca, uma paineira florida, um papagaio de papel...

Em S. Paulo, sua terra natal, esse bandeirante de alma aristocratica e coração feito para sentir e amar tudo que é simples, tudo que é humilde, realiza o milagre daquella aspiração artística preconizada por Gabriel D'Annunzio:

—Fait ta vie comme on fait une oeuvre d'art.

E, na paz suave e commovida de Humildade, como no silencioso recolhimento do seu Jardim Fechado, Edvard Carmilo é um dos mais prodigos e opulentos semeadores de belleza da actualidade literaria brasileira.

E' um estheta de raça, esse maravilhoso artífice da palavra em lingua portugueza.

Poeta, Edvard seria o cantor magnifico do que é simples; das coisas, que tambem têm alma, de raros, porem, comprehendida; dos mysteriosos jardins espirituaes, cuja fragrancia envolvente e subtil, raros, tambem raros, saberão sentir...

MAX LINDER

Amorim Netto, que é um brilhante espirito de jornalista, integrado na enquietação e na angústia da classe, reuniu em livro, e livro precioso, as chronicas que escreveu sobre Fernando de Noronha, quando, ha pouco mais de um anno, visitou Recife, na qualidade de homem de imprensa. «Ilha Maldita» — é o titulo dessa obra. Nella, Amorim Netto fixa, em côres impressionantes, com a observação atilada do repórter e a sensibilidade nervosa do artista, os quadros mais dolorosos da famosa ilha onde tantas vidas humanas têm desapparecido na voragem dos soffrimentos. Livro simples, amargo e profundamente verdadeiro.

Jayme Adour da Camara, espirito irrequieto e vibrante, e que se adapta tão bem ao jornalismo de sensação, como á literatura de ficção, não é um nome desconhecido entre nós. Em S. Paulo, onde fixou residencia, tem collaborado em varios jornaes e, aqui no Rio, a sua acção jornalistica se tem feito sentir de maneira bastante apreciavel. Adour acaba de realizar uma excursão de longos mezes pelos principaes paizes da Europa e da America. Muito viu e muito observou. E de tudo isso, resultou uma copia de elementos magnificos para a elaboração de um livro que, sob o suggestivo titulo de «Oropa, França e Bahia», — extrahido de uma copla popular, — acaba de ser lançado victoriosamente. Na verdade, a obra de Jayme Adour da Camara merece ser lida e apreciada, pelas revelações curiosas e interessantes que nella faz seu autor.

Ronda do Sentimento

DESALENTO

MESTRE, estou vencida! Como lord Byron, num momento de desespero, eu tambem tenho desejos de dizer: "Agora, já vivi; bôa-noite!..." E aprofundar-me no nada, dormir enfim o somno sem sonhos, que tão delicioso se me afigura, agora que vejo o mundo face a face, sem coragem de encaral-o com um olhar dominador de energia despreoccupada, chorando de angustia ante o chocalhar medonho da sua gargalhada estridente e má...

É falsa a tua doutrina. Falsa e sem fundamentos tudo o que me ensinaste, mestre. Onde o oasis acolhedor e verde que disseste encontrar, uma hora qualquer, no deserto de areias escaldantes da vida? Onde a fonte da pureza, onde refrescar meus labios requeimados pela febre e minha fronte latejante de cansaço? Onde o leito macio de alfombra e resedás onde repousar o meu corpo desalentado pela longa jornada? Só vejo areia, o lençol impassivel e rebrilhante de areia, que dá delirio e vertigem... Conseguirei chegar ao fim?...

Por que ensinaste á tua discipula que o mundo é bom, que os homens, mesmo os máos, têm sempre no coração um cantinho azul de generosidade? Mestre, é enganoso tudo o que me affirmaste... Não me digas mais que só os covardes sabem pódem aniquillar a vida. Não me digas mais que é preciso viver, viver sempre, até que a missão que Deus nos impoz esteja terminada... Mestre, mestre, eu morro de angustia! De que me serviu acreditar em ser bôa e generosa, perdoar as offensas e aguardar sempre o "dia esperado"? Oh! elle não virá, não virá jamais...

Curvo a cabeça, desalentada... No meu cérebro, rapida como o relampago, brilha uma idéa... Aquelle revolver negro, como o proprio peccado, a descansar, por um estranho paradoxo, sobre o velludo verde, que illumina a esperança... Olho-o demoradamente, pensativamente...

Eu, que fui uma covarde perante a vida, o serei tambem perante a mórte? Não! Terei forças para o gesto final; E colloco sobre o peito a arma salvadora. ... sobre este meu pobre peito insatisfeito e desilludido de mulher... Um grito de angustia resôa pelo gabinete. E os braços da innocencia, braços alvos e frageis, se enroscam desesperadamente no meu pescoço. E uma boquinha tremula se cóla no meu rosto, cobrindo-o de beijos e de lagrimas. Lentamente, o revolver rola sobre o espesso tapete, emmudecido na sua alcatifa como uma serpente venenosa nos ramos de uma arvore... Tens razão, mestre! Perdôa á tua discipula a covardia suprema. Ha sempre, no meio das borboletas negras que se aninham no nosso cerebro, alguma de ingenua côr azul, pedaço de alento e felicidade... É viver! Viver para a alegria dos outros, para a ventura dos outros, que dependem da nossa propria alegria e da nossa propria ventura. Não será isso o verdadeiro heroismo, para quem já se cansou e viveu demais?... — *Laura.*

UM ESCULAPIO

Por BERILO NEVES

DA pequena cidade de Parnahyba, no Piauhy, sahiu, um dia, um moço recem-formado em medicina. Ia á Europa, como tantos outros moços que se formam em medicina... Mas, ao invéz de ficar em França, bebendo o velho *champagne* ruinoso dos *cabarets* de Paris, rumou directamente a Berlim. Preferiu ao "Moulin Rouge" o hospital de clinicas. Em vez de flôres, cadaveres... Em lugar de Guerlain, acido phenico... Passou dois annos na Allemanha. Foi á America do Norte. E voltou ao Brasil num navio cargueiro, sem trazer comsigo luvas amarrotadas, de mulher, nem madeixas de cabellos loiros, perfumados... Trazia, apenas, ossos de defuntos e caixões de livros...

* * *

Vinte annos depois... Um grande medico. Um sabio de fama universal: Oscar Clark...

Um homem a quem 20 cirurgiões americanos, dos mais illustres do seu tempo, dirigiram, em carta collectiva, estas palavras singelas: "*Estamos certos de que ninguem, no seu paiz, sabe mais medicina do que o senhor...*" E não exaggeravam... Cento e sessenta e oito monographias sobre os mais angustiosos problemas da pathologia humana. Toda a medicina moderna, lida, annotada, commentada e discutida em livros, em conferencias, em aulas... Dez annos de ensino de clinica medica na Faculdade de Medicina do Rio. Um grupo, cada vez maior, de invejosos e de maldizentes... Uma paixão, cada vez mais alta, pela Sciencia, pela Verdade... Uma veneração, cada vez mais profunda, dos seus alumnos — e de quantos o conhecem e lhe acompanham a trajectoria esplendida e singular...

* * *

Fui, certa manhã, ouvir-lhe a aula no Pavilhão "Miguel Couto", da Santa Casa. Havia ouvintes até pelos corredores. Pareceu-me maior, do que nos dias communs, a sexta série medica, no Rio... Olhei melhor: nos bancos escolares, entre estudantes, medicos e professôres de todos os pontos do Brasil... Clark era uma torrente de palavras. Tinha-se a impressão de que elle seria capaz de falar, annos seguidos, sobre o mesmo assumpto. Duas horas decorreram sem que ninguem o sentisse. Exhibiu preparações, mostrou doentes, diagnosticou, prognosticou, encheu a lousa de nomes arrevezados, de autôres allemães, norte-americanos, inglezes, canadenses... Fez pilherias que encheram de riso a mocidade inquieta do sexto anno. E disse, entre outras, esta phrase curiosa, de que jamais me esquecerei: "*No dia do nosso anniversario natalicio é-nos mais util mandar examinar a urina do que tirar o retrato...*"

* * *

Oscar Clark é um enthusiasta da medicina, sobretudo da medicina do seculo XX, quasi XXI... E' um homem raro — pois é sabido que, pelo menos, 70 % dos medicos não crêem, pessoalmente, na medicina... São medicos como seriam ferreiros: fazendo, para elles mesmos, espetos de pau... Tem pela sua Sciencia o amôr que os cavalleiros da Idade Média tinham pela sua Dama... E' um tão grande apaixonado da medicina que não se contenta em sabê-la: quer que todo o mundo a saiba... E' professor por temperamento, pedagogo por instincto... Outros dão aula como si cumprissem uma sentença: elle dá aula pela alegria, intensa, de ser mestre...

* * *

O Rio deve-lhe a primeira grande Clinica Escolar que possue. Fundou-a do nada, com o producto de dadivas particulares. Para installar o gabinete de raios X, esmolou, de porta em porta, as ultimas migalhas... E acabou dando do seu proprio bolso.

* * *

A' frente do serviço medico-escolar da capital da Republica, prestou ao Brasil o maior dos serviços: provou que dois terços, pelo menos, dos nossos escolares, *são enfermos*, e cujo futuro é a morte, ou a invalidez precoces, si lhes não acode a tempo a therapeutica necessaria. Foi elle quem diagnosticou este grande mal das nossas escolas: a "fome chronica" de que padecem 90 % das crianças pobres da cidade, e que as leva, mais cêdo ou mais tarde, aos braços insaciaveis da tuberculose. Foi elle, ainda, quem creou a "assistencia alimentar", em bases scientificas, e distribuiu, em 5 mezes, com o auxilio das professoras, *mais de dois milhões de refeições gratuitas!*

* * *

Com a nova ordem de cousas houve quem denunciasse a Clinica Escolar "Oscar Clark" como um fóco de ganhos illicitos... Uma casa onde se tratavam, de graça, milhares de crianças devia ser, por força, uma caverna de Ali-Babá... No Brasil, não se acredita, facilmente, na existencia de um homem idealista... O governo mandou syndicar do occorrido e verificou esta cousa monstruosa: a Clinica Escolar "Oscar Clark" não recebia um real dos cofres publicos, e 90 % dos seus funccionarios trabalhavam de graça...

Mlle. Zuleika de Oliveira Mexias, distincto elemento da nossa sociedade.

(Photo Annunciato).

* * *

Oscar Clark é um sabio que tem a bondade de um santo. Si tivesse vivido, entre os gregos, seria uma divindade. Como, porém, nasceu no Brasil, é, apenas, um "homem que tem amor ao estudo e trabalha muito"... Teria nascido na Allemanha, e seria uma gloria do Mundo, si o espirito tivesse o direito de escolher uma Patria...

A solennidade do encerramento da exposição de trabalhos das alumnas da Escola Profissional Rivadavia Corrêa teve a presença da exma. esposa do chefe do governo provisorio, d. Darcy Vargas, que visitou, nessa occasião, aquelle estabelecimento de ensino, cujas dependencias percorreu demoradamente. São aspectos colhidos durante a visita da senhora Getulio Vargas o que focaliza o «clichê» desta pagina.

FORMIDAVEL!...

Não faz muito tempo, segundo escreve pessoa residente no local, o prefeito da villa maranhense de Mirador mandou affixar na porta da Camara Municipal o seguinte Decreto:

«Art. 1.º — Fica expressamente prohibido o trânsito pelas ruas e praças desta vila de cães do sexo feminino. As que fôrem encontradas serão assassinadas pelos guardas do municipio.

Art. 2.º — Fica igualmente prohibido o trânsito de jumentos que não estejam de ceroulas de estopa, sob pena de serem operados pelos mesmos guardas.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.»

GATO LADRÃO

Em Jean les Pins, na fronteira de França com Espanha, vários indivíduos de dinheiro estavam jogando grandes quantias quando um gato preto pulou na mêsa, segurou com a bôcca um grande rôlo de cédulas e deitou a fugir.

Os jogadores perseguiram-no immediatamente, porém o agil felino a todos logrou, pulando muros e correndo sobre telhados até se perder de vista.

Descobriu-se depois a existencia naquella localidade de afamado e engenhoso ladrão, ainda não identificado pela policia, que adestrou seu gato a roubar nas numerosas mêsas de jogo de Jean les Pines.

O mysterioso gatuno com certeza pensou: — Si a policia arranja cães policiaes, eu educo gatos ladrões...

O America Football Club, que organizou uma série de festas carnavalescas para os seus associados, iniciando-a com uma rutilante mascarada offerecida ao Tijuca Tennis Club, na noite de 5 do corrente, realizou, na penultima quinta-feira, a segunda reunião, dedicada ao Villa Isabel Football Club, e que, como a primeira, se revestiu de grande brilho.

bem no fundo dos olhos e comprehendeu que se passava algo de muito grave. Pensou que tivesse havido um desastre qualquer com Henriquinho ou pessôa de sua familia. Sua mãe estava pállida, muito pállida mesmo. Nem podia falar. A custo poude dizer: "Minha filha, d. Sinhá morreu!"

Ella não disséra toda a verdade: D. Sinhá suicidára-se com um tiro no coração!

A segunda festa carnavalesca do America Football Club teve a animál-a a graça tropical de dezenas de foliãs que sabem divertir-se dentro e fóra do Carnaval.

RESPEITO E REFORMA

O grande parlamentar francez Devienne disse um dia do alto da tribuna esta profunda verdade: "A experiencia demonstra que os povos que se occupam mais de respeitar suas leis do que de mudál-as, são os maiores e os mais prosperos." A Inglaterra foi e ainda é o exemplo concreto do que ahi está escripto. O Brasil fornece ao mundo o modelo contrario: não respeita lei alguma e passa a vida a reformal-as todas, mesmo por meio de revoluções...

DESPREZO PLATONICO

O divino Platão desprezava profundamente a estupidez democratica. Entretanto, ella sempre teve o *contrôle* das classes escolhidas, que se apoiavam na desigualdade social. Agora, quando essa estiver nivelada e aquelle *contrôle* de todo desapparecer, mais merecedora do desprezo platonico se tornará a democratica estupidez. Imagine-se, então, que immenso desprezo não será o do homem verdadeiramente culto pelo communismo da estepe asiatica...

A MULHER CHIC

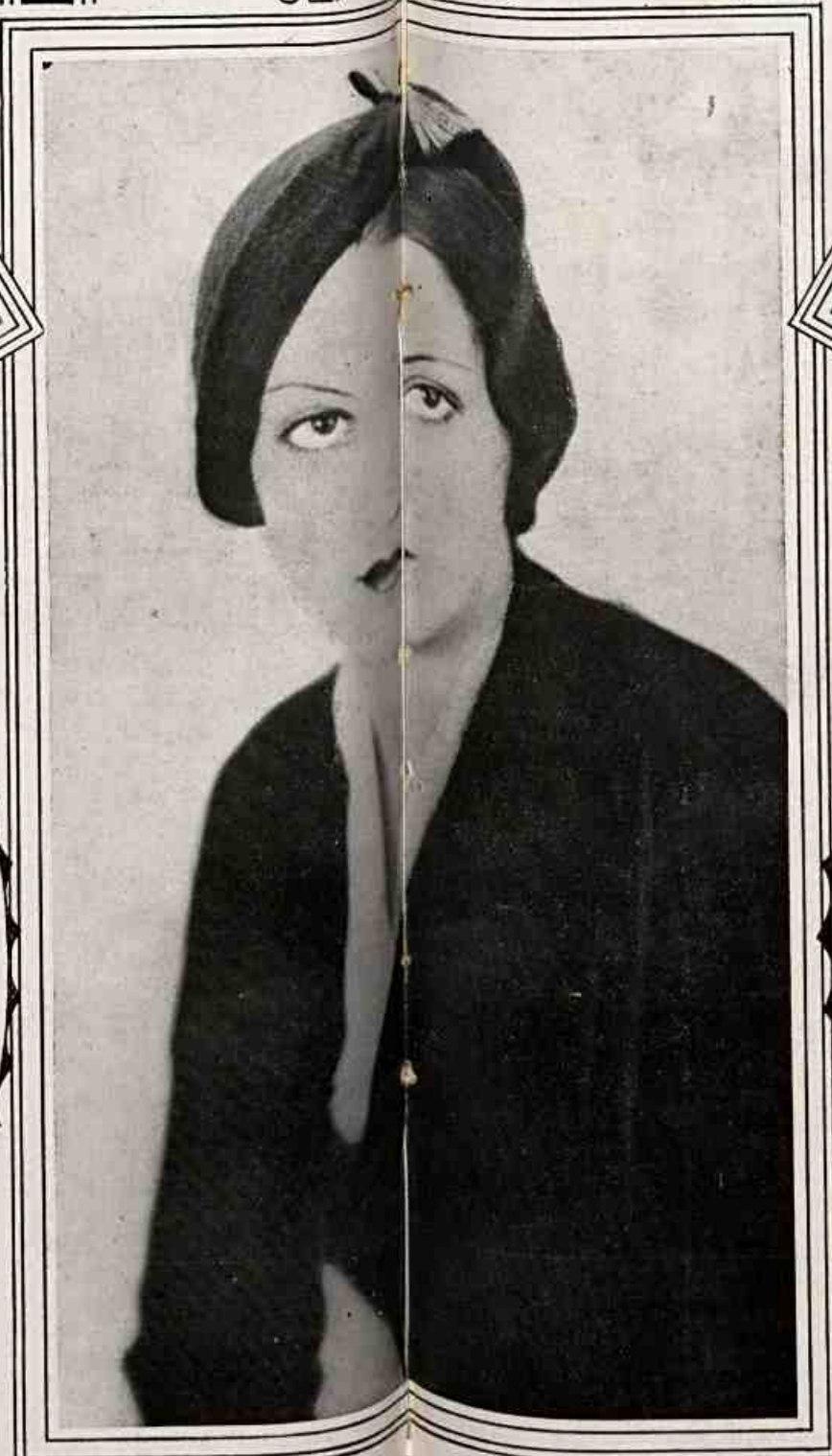
CREAÇÕES JEAN PATOU

(Photos especiaes para "Fon-Fon")

Béret de feutre reversible noir et vert.

Velours écossais noir et gris.

Tissu vert a pois blancs. Noeud de plumes vert et orange.

velours rose garni de plumes.

Feutre poilu gris dégradé. Ceinture de cuir noir, bou-

BILAC, O PRINCIPE

De RAUL DE AZEVEDO

✤ ✤ ✤

PASSOU mais um anniversario de morte de Bilac. Ahi está um nome que vive, cantando — e o nome por si mesmo parece de crystal, — no espirito moço, e no velho, do Brasil. Ha dois poetas nossos, dos maiores, que marcam em definitivo as ansias da Raça: Gonçalves Dias e Olavo Bilac. E elles, por isso mesmo, muita vez se approximam, se unem, nas finalidades magnificas do amôr á Patria e ás Mulheres. Bilac morreu ha quatorze annos, e parece que ainda foi hontem... As lindas, as formosas mulheres de nossa terra, cheias de fulgôr e vida, o olhar longo e perturbante, apurada a elegancia, a intelligencia clara e a pelle morena, velludosa, jambeada, todas ellas não esquecem o verso sonoro e cheio daquelle que, nas letras patricias, melhor disse do Amôr... Dizia, e bem, Lacordaire, que, — *le grand bonheur de la richesse est de donner*. Da riqueza moral, principalmente. E o cantor glorioso do *Caçador de Esmeraldas*, o poeta impressionante da *Via Lactea* foi um nababo. Elle espalhou o seu genio, derramou-o pelo Brasil todo, — nos discursos de rara belleza, nos versos de emoção perfeita, na prosa sonora e joeirada.

E lembro-me duma época em que, ao cahir da tarde, eu fazia parte do grupo onde pontificava Bilac, á porta do "Arthur Napoleão", ali na Avenida Rio Branco. Era então um pequeno cenaculo. Poetas, escriptores, pintores, esculptores, musicistas, jornalistas... A's vezes, eramos oito, dez, ouvindo, bebendo a palavra esfusiante, a graça sempre nova, a *verve* alegre e sadia do genio maravilhoso — o unico que soube falar e entender estrellas. Vario o destino, até o das portas... Aquella, que foi gloriosa, perdeu-se no anonymato. E nesse anniversario triste e cruel, e doloroso, da morte de Bilac, houve uma glorificação modesta, mas impressionante e emocional. Serena, tranquilla, suggestiva. Casualmente, nesse dia, fiz uma visita a uma velha amizade intelligente. E que surpreza tocante eu tive, ao chegar ao pequeno salão, na hora da tarde que morria, lá fóra um occaso que era uma orgia de ouro e luz, vendo um grupo de senhoras do "tempo de Bilac", cheio de belleza e graça, uma dellas a lêr para as outras, dôcemente, os versos emocionaes e unicos da *Tarde*... Era uma Oração!

A' MEMORIA DE OLAVO BILAC

(No 14º anniversario de sua morte)

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac,
Seu nome é, por si só, um verso alexandrino;
E foi elle, de facto, um poeta peregrino,
Que brilha em nossa historia, em fulgido destaque.

Pelo mundo passou, amando e sendo amado,
Da vida encheu de aroma a inhospita devesa;
Pelos seus versos d'oiro, um dia foi sagrado
O cantor immortal da carne e da belleza.

As Musas viram nelle o principe do verso,
E Apollo o confirmou com seu sopro divino,
E por isso, em seu nome, elle trouxe do berço,
A cadencia, sem par, de verso alexandrino...

Morto, a sua memoria ainda permanece,
Tão vivida, tão forte, em nossos corações,
Que de seus lindos versos ninguem mais se esquece,
Ninguem se esquece mais de suas lindas canções!

Rio, 28 de dezembro de 1932.

DILERMANDO CRUZ

Aspectos tomados na ésde da Associação Brasileira de Imprensa, durante a visita que o illustre actor de cinema brasileiro Raul Roulien fez, na noite de quarta-feira penultima, á casa dos jornalistas. O nosso festejado patricio apparece, nas photographias, ao lado do presidente da A. B. I., dr. Herbert Moses, e cercado por outros directores e socios da Associação.

Os engenheiros civis da turma de 1932 da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro offereceram um jantar ao dr. Jeronymo Monteiro Filho, que foi o seu paranympho na solennidade da collação de grão. O grupo do «cliché», no qual apparece aquelle professor da Escola Polytechnica entre seus ex-alumnos, foi tomado por occasião dessa homenagem.

MORREU...

Ella se foi com a ultima primavera. Havia ainda em cada roseira uma flôr a se despetalar como a encarnação das illusões que morrem...

O perfume que se transportava do jardim para o seu quarto, pela janella aberta ao luar, vinha perfumar-lhe o corpo immovel que repousava serenamente sobre a alvura do leito macio. Os olhos semi-cerrados eram uma esperança que se extinguira ao contacto da realidade.

Morreu...

Vozes abafadas perpassavam no ar. Havia um tom de mysterio em cada physionomia. Todos tinham a impressão de querer occultar a grande tragedia. O velho medico vinha de repousar a cabeça fatigada de esperança inutil...

Morreu...

O silencio baixou na sala de moldes esquisitos. E, lá fóra, no silencio da rua, passou um bebedo atirando impropérios. Era uma nodoa negra sujando a brancura do luar.

* * *

O dia seguinte surgiu na tristeza de uma manhã de bruma.

Veiu a tarde. Homens esquisitos, trajando roupa preta, tiraram o pequeno corpo que repousava sobre a alvura do leito para o fundo de uma cova immunda.

* * *

Morreu...

Morreu, sim, para a natureza; morreu para os outros homens que a conheceram. Morreu para o mundo que não a verá nunca mais. Morreu para todos.

Só não morreu para mim. Ella vive ainda: no meu coração, o seu amôr; na minha saudade, a sua lembrança.

Ella não morreu para mim, oh! isso eu juro!

EDWALDO CALMON

Professora Risoleta Gama, figura de destaque da nossa sociedade e festejada declamadora.

DE GUSTAVE LE BON

O mundo, dominado outr'ora pelos guerreiros mais fortes, será amanhã dominado pelos technicos mais sabios.

* * *

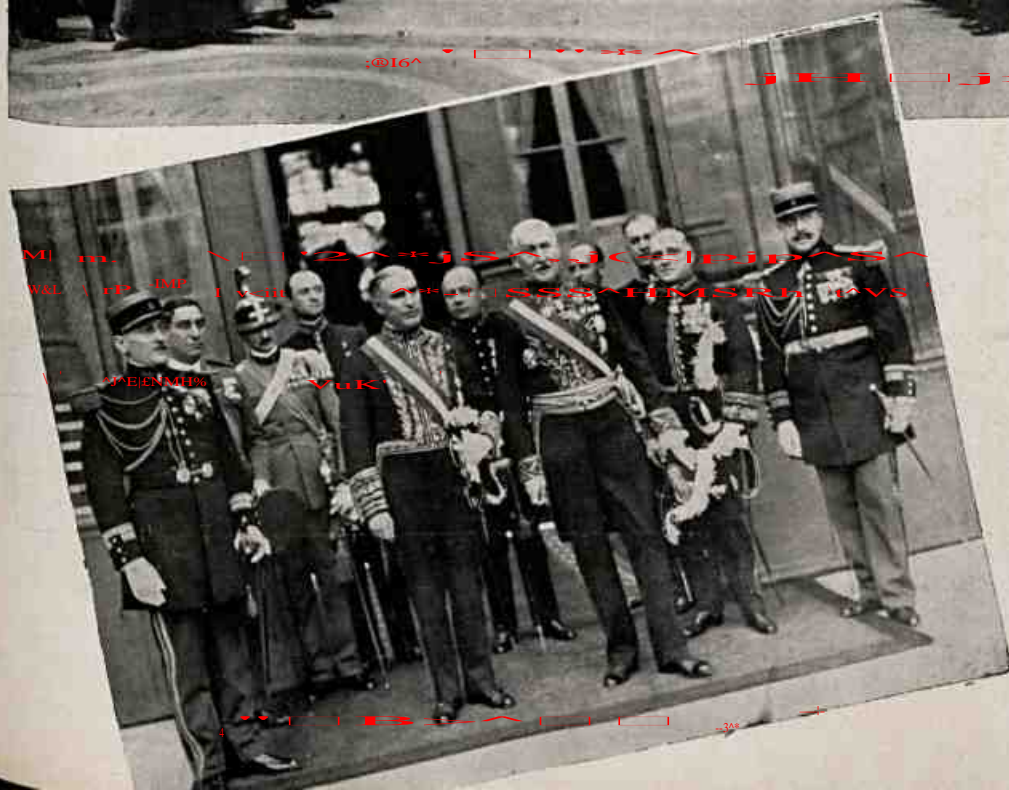
Os grandes criadores de mythos são os verdadeiros dominadores do mundo. Com mythos politicos ou religiosos novos, elles fazem surgir civilizações novas.

* * *

Na vida politica, são as boas razões que persuadem, qualquer que seja o seu grão de verdade ou de erro.

Grupo tomado por occasião da cerimonia da collação de gráo das novas professoras diplomadas pela Escola Normal Pinto Junior, de Recife, vendo-se ao centro, á direita, o paranympho da turma, dr. Geraldo de Andrade, cathedratico de sociologia educacional naquelle estabelecimento, e nosso amigo confrade de imprensa.

FLAGRANTES INTERNACIONAES

Uma das salas da nova pinacotheca do Vaticano, recentemente inaugurada, e que encerra varias obras de arte dos maiores pintores da Italia, avultando as de Raphael e Miguel Angelo. Ao centro, sua santidade o papa Pio XI, cercado de altos dignitarios da Santa Sé, quando presidia á cerimonia inaugural do grande museu de pintura que é um dos mais notaveis existentes no mundo.

O novo embaixador da Italia em Paris, marquez de Pignatti, ladeado pelo introductor diplomatico e pelo chefe da casa militar do presidente da Republica Franceza, ao deixar o palacio dos «Champs Elysées», depois de apresentar ao sr. André Lebrun as suas credenciaes.

(Photographias do Serviço Especial de FON - FON na Europa).

A senhorita Marina Guimarães, gentil filha do dr. Raul Guimarães, alto funccionario da Recebedoria do Districto Federal, acaba de concluir, com notas distinctas, o curso do Instituto de Educação, e tem sido, por esse motivo, muito cumprimentada. A joven professora distinguiu-se durante o seu curso, como uma das primeiras alumnas de sua turma.

AS ACADEMIAS E A OPPOSIÇÃO

Durante o segundo imperio francez a Academia Franceza fez cerrada opposição ao governo, exemplo poucas vezes seguido em qualquer parte do mundo pelas suas congeneres. Conta Emilio Ollivier que ella elegia de proposito os maiores inimigos do imperio. Berryer deveu sua eleição a esse simples facto. Os recipiendarios pronunciavam discursos cheios de desprezo ou agressivos que eram muito applaudidos. Na vaga de Ampére, sabendo que se falava em offerecer essa poltrona a Napoleão III pela sua *Historia de Cesar*, levantou a candidatura de Prevost Paradol, grande jornalista da opposição, então ausente no Egypto, que foi eleito sem ter escripto a carta de apresentação e sem fazer os pedidos do estylo.

Na Academia de Sciencias, ás mãos do secretario perpetuo Miguel, a hostilidade era maior, ao ponto de Drouin de Lhuys pedir demissão de senador e fingir-se adversario do governo para ser eleito...

* * *

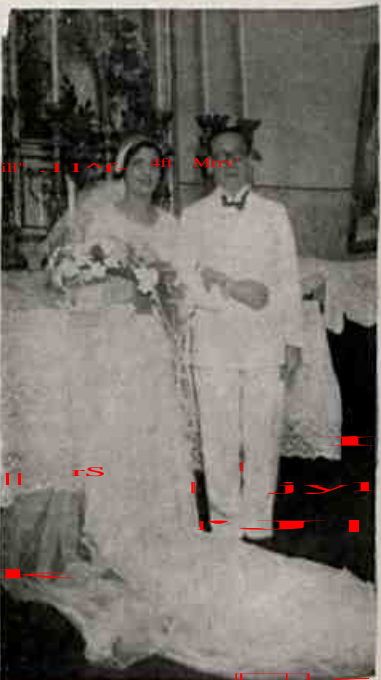
LUZ E PO'

Sobre o livro *Luz e Pó*, de Gustavo Barroso, já quasi em segunda edição, Luiz da Camara Cascudo, o joven e notavel escriptor natalense, escreveu estas palavras:

"*Luz e Pó* foi recebido e lido. Tive aquella sensação de serenidade melancolica que Amado Nervo dizia ser a verdadeira serenidade. Livro de pensamento, de piedade, de resignação tranquilla melhor o sentem os que sabiam o combate que envolvia o autor. Roldão tempestuoso sem a esperança dum Téroulde que fizesse sonora gesta rebrilhante de golpes e vibrante de coragem christã."

Senhorita Amaryllis Palha, gentil filha do nosso confrade Americo Palha, do «Diario Carioca».

A senhorita Glasphyria Helxine de Barbosa Rodrigues, que terminou, recentemente, com grande brilho, o curso de pharmacia na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. A senhorita Glasphyria é filha do saudoso naturalista brasileiro dr. Barbosa Rodrigues e irmã da joven escriptora Dilke de Barbosa Rodrigues.

Realizou-se, nesta capital, o enlace matrimonial da senhorita Beatriz Farina Brandão com o dr. Volta Baptista Franco, ambos figuras da nossa alta sociedade.

Enlace da senhorita Leonor Fróes de Souza com o sr. Carlos Alberto dos Santos, celebrado recentemente nesta capital, onde residem os noivos.

O interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, visitou, sabbado ultimo, o Syndicato Medico Brasileiro, onde foi recebido e homenageado pela directoria e associados daquella aggremiação de classe, que vae, dentro de alguns dias, iniciar a construcção do edificio destinado á «Casa do Medico».

O AMIGO

Todo individuo, — racional ou irracional, — que confiar em nós, é nosso amigo.

Não póde existir, creio, definição mais clara e incontestável.

Um motejador retrucará: "Quando o motorista passa perto de ti com o seu vehiculo, sem te atropelar, é teu amigo, porque paraste. E' que tiveste confiança nelle."

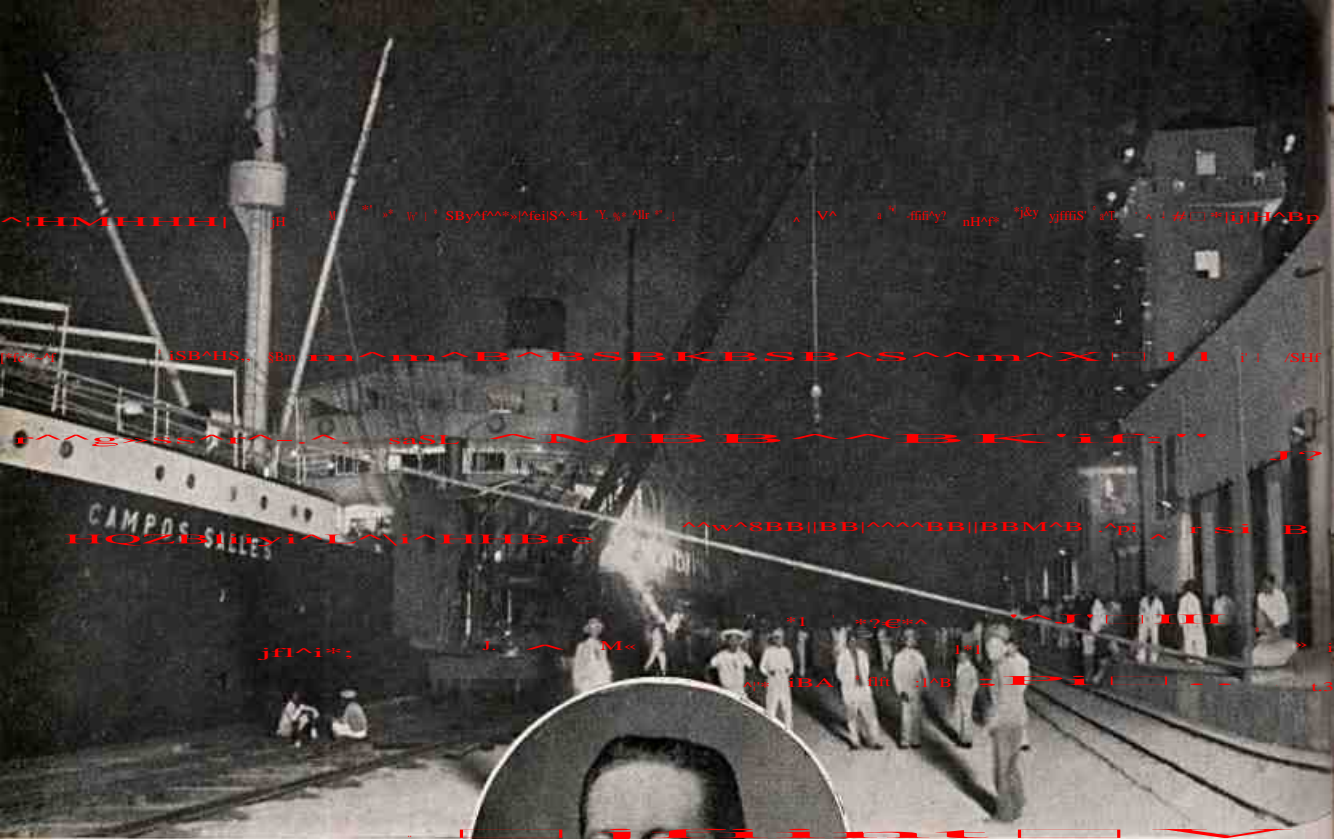
Está errado. O motorista procurou o caminho desempedido no cumprimento de um dever, «poupando, outrosim, uma vida, para resalvar a sua liberdade.

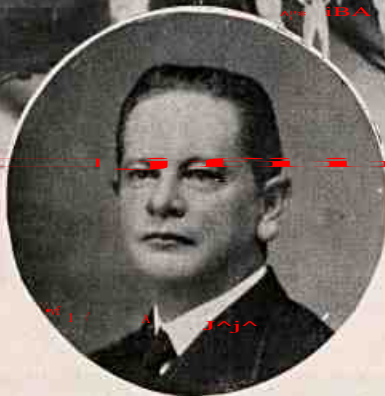
Sim; os amigos existem. O que é necessário é que saibamos ser amigos delles, respeitando-os e poupando-os.

O eixo é mais amigo das rodas, suas collaboradoras, do que da carga que supporta...

O amigo está onde estiver outro amigo.

Alexandre Passos

Aspecto do jantar offerecido pelos sanchristovenses aos seus companheiros dr. José Maria Castello Branco, Luiz Vinhaes e Agricola Siqueira, que fizeram parte da Embaixada da "Copa Rio Branco", respectivamente como chefe e delegados sportivos, em regosijo pelo seu regresso ás actividades do S. Christovam A. C.

«FON - FON» NO RIO GRANDE DO NORTE

O ponto de Natal, illuminado e festivo, na noite em que foi inaugurado, e, no medalhão, o illustre engenheiro patricio dr. Decio Fonseca, que dirigiu grande parte das obras do mesmo ponto e é o chefe da sua fiscalização.

Crianças que tomaram parte na 15.ª audição do Curso Waldemar de Almeida, realizada no theatro Carlos Gomes, de Natal, Rio Grande do Norte. Pela primeira vez no Estado potyguar se ouviu, nessa occasião, um orpheão de 150 vozes. A festa foi em homenagem ao sr. Audifax Gonçalves de Azevedo.

FON-FON no cinema

Harrington perdia toda a esperança de vencer.

DEVOÇÃO

(Devotion)

com Ann Harding — Leslie Howard — Robert Williams e O. P. Heggie

No dia em que Shirley Mortimer travou conhecimento com David Trent, ella sentiu que alguma cousa de estranho se havia passado em seu coração. Trent andava procurando uma governanta para o filhinho, a qual não podia ser muito moça, uma vez que havia de conviver sob o mesmo tecto com Trent e o menino.

Aproveitando uma "tournée" de seus paes pela Italia, Shirley arranja-se de modo a ficar em Londres, e disfarçada com um vestido da época victoriana, um chinó, uns óculos e uns retoques no rosto, vae ao aposento de Trent, e solicita o emprego de *governanta*, que obtém.

Trent, advogado criminal de grande renome, está então atarefado com a defeza de Harrington, um pintor accusado do assassinio de sua esposa, e Shirley começa a rodeal-o de cuidados e attenções, que a principio o entediam, depois o divertem e acabam por lhe agradar. Trent, nas suas raras conversas, jamais faz referencias á mão do Menino, mas deixa perceber que teve um casamento infeliz.

Harrington, absolvido, vae em visita a Trent para lhe agradecer o que fez por elle, e os seus olhos adestrados logo percebem o disfarce muito incompleto de Shirley, a quem solicita que sirva de modelo. Ainda em casa de Trent, faz um esboço de Shirley, como elle a vê na realidade, e esse desenho como que desperta uma recordação no espirito de Trent. Aquelle rosto, tal como o repro-

Modelo e nada mais.

Um amor que nascia.

duziu o artista, viu-o em algum lugar. Por insistencia do proprio Trent, Shirley posa para Harrington, e este a tranquilliza: descobriu, sim, o segredo da moça, mas não o revelará a ninguem.

Numa reunião, dias depois, em casa dos paes de Shirley, alli se encontra a moça com Trent, que se desdobra em attenções para com ella e insiste, á sahida, em acompanhal-a á casa da amiguinha com quem ella lhe disse que morava. Shirley faz que elle a deixe á porta e depressa, assumindo o seu disfarce, corre ao apartamento do advogado, onde, porém, já o encontra á sua espera. Trent vem assim a descobrir a identidade da *governanta* que tem em sua casa, por quem inconscientemente se prendeu de amor.

Depois que trocam os dois as suas confissões, Trent a recambia para casa da sua amiguinha, mas na noite seguinte, encoberta pelo seu disfarce, ella volta á residencia do advogado.

Trent está a ponto de referir-lhe o seu caso com sua esposa quando essa dama irrompe pelo aposento, resolvida a tirar vantagem pecuniaria da situação que se estabeleceu entre Trent e Shirley. Sem mais nada esperar, a moça retira-se e vae ter com Harrington para posar para o pintor, tal qual é. Harrington tenta aproveitar-se desse impeto de despeito para obter que Shirley vá fazer uma viagem em sua companhia, mas a moça a tal se recusa terminantemente.

Trent visita Harrington na esperança de por elle conhecer o paradeiro de Shirley, e tem então a surpreza de saber que o homem que elle salvou da forca é o seu rival.

Os paes de Shirley voltam definitivamente a Londres e em sua casa comparece Harrington na esperança de obter que a menina reconsidere a sua attitude e o despose. Mas Trent tambem apparece mais tarde, e o pae de Shirley, nada sabendo do que occorre entre Trent e sua filha, mas bem informado sobre os negocios particulares do advogado, pergunta-lhe em que pé está o seu divorcio.

Sem nenhuma perturbação apparente, antes mostrando-se contente, Trent responde que sua esposa se acha em Paris e que a sentença de divorcio será pronunciada em poucos dias.

Essa noticia surprehende e enche de alegria Shirley, que agora pergunta ao advogado:

— Quando uma mulher se equivoca a respeito do homem a quem ama, mas tem pejo de o reconhecer publicamente, a quem deve ella confiar a sua defesa?

— A um advogado, — responde Trent.

— Pois então é de um advogado que eu preciso!

E Trent tão bem entende a resposta, que logo abre seus braços a Shirley.

Shirley amava-o com toda a paixão.

Ressurrectio

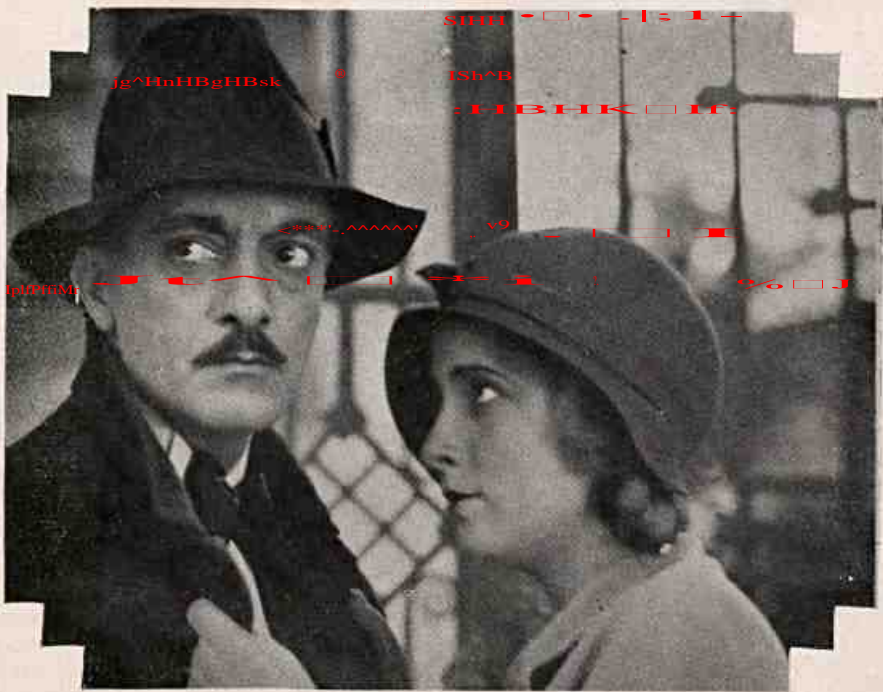
com

Venera Alexandrescu
Lya Franca
Daniele Crespi
e
Olga Crespi

De volta á vida.

EM uma rua modesta da cidade, um homem, em cujo olhar parece que a tristeza móra, tem na mão um revólver. Lentamente, aproxima a arma do peito. De subito, um cantico religioso desperta na sua alma a recordação da infancia e de sua mãe adorada. Não dispara a arma. Seus braços cahem inertes: Uma mulher formosa e má havia arruinado a sua vida. Attrahido pela espontanea alegria de um grupo de obreiros que se dirige ao trabalho, o homem triste toma com elles um omnibus e senta-se ao lado de uma joven loura de esplendente belleza.

Seus sentimentos de grande tristeza, que vinham desse rosto joven e varonil, attrahiram a joven, que muito se interessou pelo recem-chegado. Elle mantem-se indifferente. Duas entradas do Theatro Maximo, certamente perdidas por algum passageiro, são encontradas no omnibus pela joven, e esta lhe dá ensejo para uma conversa com o desconhecido.

Mas, rapidamente, sem nada dizer e no maximo da excitação, o homem desce do omnibus e dirige-se a uma villa. Era a casa da feiticeira que lhe roubára o socego. Entra com violencia e encontra-a com outro homem. Odio... desgostos... ciumes... Um disparo, dous gritos, um retrato em pedaços. Falhára o tiro. Entretanto, ainda armado, o homem sae para a rua. A bôa joven que o segue comprehende o drama e ouve o disparo. Deseja salval-o. Um agente de policia approxima-se. A joven passa deante do desconhecido, tira-lhe a arma, mettendo-a no proprio bolso, cobrindo de attenções o rapaz, commovendo-o com a sua bondade. Elle promette á joven que irá ao Theatro Maximo, onde, á noite, será executado um grande concerto symphonico, dirigido pelo maestro Pedro Gadda.

A altivez personalisada.

Ao entardecer, a linda mulher de coração de aço, que não pensa mais no incidente havido, entra-se no camarote do theatro junto de seus admiradores. A joven, ansiosa, espera o seu desconhecido. Para elle está ao seu lado reservada uma cadeira. Passam-se os minutos. Cerram-se as portas do theatro e o concerto começa. O homem faltára com a sua palavra.... A musica acalma o seu espirito. Quando a melodia do "Idyllio" termina, ella levanta a cabeça para applaudir juntamente com todos os espectadores. Pára, porém, surpresa: no maestro, pallido, mas cheio de satisfação, ella reconhece o desconhecido da manhã: Pedro Gadda. Os dois sorriem. Começa depois a symphonia *Resurrectio*, que conquista todos os corações. A joven, cheia de felicidade, não tira os olhos do vulto do maestro. Subitamente, um ruido espantoso interrompe a orchestra. Um raio cáe sobre o edificio do theatro. O trovão apavora. O vento, forte, abre as janellas com estrepito. O publico, tomado de panico, procura as sahidas do theatro. Confusão. Gritaria.

A joven queda-se em seu logar, transida de emoção. O maestro atira-se a ella e estreita-a nos braços, defendendo-a do perigo. Vê nos seus olhos a coragem da mulher que ama com loucura. No coração do maestro nasce, de repente, a firme vontade de salvar todos os espectadores. Recolhe com energia alguns musicos e começa

Mais perto de Deus.

o segundo acto de *Resurreição*. Todo o publico volve aos seus logares, animado pela musica divina. Pedro Gadda evitou uma grande tragedia. Ao terminar a symphonia, a sua antiga amante procura reconquistal-o. Elle, porém, levando pelo braço o seu anjo salvador, foge dos applausos da multidão

O IMPAGAVEL COMICO DAS COMEDIAS DE HAL ROACH

Um airoso *almofadinha* de bigodes bem feitos, vestido com um elegante smoking, chapeu de feltro atrevidamente levantado de um lado, e fazendo girar na mão direita uma bengala, passeiava garbosamente de um lado para outro, no scenario de Hal Roach.

Uma orchestra havia estado tocando durante a scena que pouco antes terminára. Os instrumentos jaziam atirados ao descuido sobre as cadeiras que os musicos abandonaram por um momento, com o desejo de respirar o ar puro.

Charley Chase apanhou um violão. Seus afilados dedos começaram a tocar algumas notas; depois vieram os acordes. E, gradualmente, uma melodia se fez ouvir. O rapaz começou, então, a mover-se, lentamente a principio, apressando depois o rythmo com o compasso da musica.

Os peritos engenheiros do som, na sua cabine de crystal no andar superior do scenario, começaram a ouvir. Outros artistas e extras que esperavam o momento de entrar em scena aproximaram-se do logar de onde vinham os accordes syncopados da melodia. Até os proprios carpinteiros e electricistas pararam os seus martelos e o trabalho na installação de luzes, para escutar.

Charley Chase estava obtendo confirmação geral de sua habilidade em cantar e tocar.

Os films falados têm servido muito a Charley Chase, o cantor e bailarino da téla, que tão franca hilaridade provoca com as suas comedias, para revelar a variedade de seu talento; deram a occasião de voltar ao rythmo e canções que tanto agrado despertaram, divertindo o seu publico.

Ha quatro annos que Charley Chase começou a fazer comedias. Durante todo esse tempo tem alcançado uma reputação invejavel, comparada sómente ás que obtêm outros artistas depois de estar muitos annos na

téla. Chase é o elegante dos artistas comicos. Sabe vestir-se, sabe fazer o nó da gravata artisticamente. Apparece na téla com toda a elegancia de sua figura, a alegria do seu canto, a fascinação de suas danças e o seu contagioso bom humor.

Charley Chase escreve as suas proprias historias. Elle sabe melhor que ninguem o que póde fazer, qual é a sua maior habilidade. Para elle, a historia é a primeira coisa. Combina as suas caracterizações ao espirito do film. E' differente em cada um dos seus personagens, ao contrario de outros actores comicos, que não abandonam a sua personalidade através da sua carreira. Chase é differente em cada producção, mas, fundamentalmente, elle é o mesmo. Charley Chase é sempre o innocente com a mascara do tagarela, um vergonhoso aventureiro disfarçado no cynico e conquistador homem da sociedade.

O querido comico nasceu em Baltimore, ha trinta e poucos annos. A sua infancia foi desventurada. Ao terminar o quarto anno de estudos na escola primaria, viu-se obrigado a dizer adeus á escola e aos companheiros, para ir ganhar a vida. Desde então, começou a pular de um trabalho para outro, incompetente como criança que era, ainda incapaz de tomar sobre seus hombros semelhante responsabilidade.

Aos quatorze annos seguiu pela primeira vez a

O seu melhor amparo.

(Con. nas pags. 46 e 47)

Herman Lima — GARIMPOS — Civilização Brasileira Editora — Rio — 6$

O autor victorioso de *Tigipió* escreveu um grande livro. Tem razão Herman Lima quando diz que ninguem conhece menos o Brasil do que o brasileiro.

E' uma lastima, mas, é uma forte verdade. Nós preferimos viajar o estrangeiro para depois contar aos outros o que observámos, e até o que não vimos... Temos a mania de embasbacar fazendo livros de viagens. E muitos têm o mau gosto de impingir coisa alheia como sua, esquecendo que a imitação ou copia disfarçada provoca o riso...

> **ALBERT LONDRES**
>
> **HISTOIRES DES GRANDS CHEMINS**
>
> Preface d'Edouard Helsey.
>
> Um livro digno do maior repórter francez recentemente morto num naufragio.
>
> 1 vol. sur velin superieur .... 15 Fcs.
>
> Albin Michel
> 22 Rue Huyghens
> PARIS

Herman Lima preferiu divulgar o Brasil aos brasileiros, escrevendo *Garimpos*.

"Todo o mundo ouve falar nos garimpos da Bahia, na mineração das Lavras, nos diamantes de Lençóes. Mas, isso tudo tão vago, tão remoto e adulterado, como si fosse na Africa do Sul ou no Alaska.

"Eu vivi um anno todo em pleno coração da Bahia, dentro das Lavras Diamantinas, Andarahy, Palmeiras e Mucugê, as lindas cidades alegres e typicas, trepadas pelas serranias, cheias de tanta côr local, pelos remotos povoados exoticos e claros, Chique-chique, Estiva, Campos de S. João, Morenos.

"Um anno todo, irmanado inteiramente com o meu patricio destemido e calumniado, o violador audaz e obscuro das grunas e dos ribeirões, o heróe desconhecido, impavido e exacto, que Olegario Marianno evoca estupendamente:

... o Brasil garimpeiro, o Brasil que no fundo
Dos rios morde a terra, e caminha de rastros,
Para trazer ao sol, para mostrar ao mundo,
Lindas da ganga impura as pedras que são astros.

"Eu tinha de mim para mim firmado, através da minha observação directa, o conceito de que nenhum outro animo tão forte quanto o brasileiro do Ceará, o jangadeiro e o matuto da minha terra. Mas, era injusto, sem o querer, pois não conhecia ainda o garimpeiro das Lavras Diamantinas. Elle é bem o sertanejo forte do aphorismo euclydeano, o brasileiro puro do Brasil encharcado de brasilidade e de amor á terra, irmão legitimo dos meus irmãos do Ceará!

"Elle é o que renuncia a todos os prazeres da vida moderna, e vae entregar-se, mezes e mezes, annos e annos, ao primitivismo mais rude, ao desconforto mais que desconforme das *locas* da serra e dos ranchos de pedra, troglodita redivivo, tendo para receber-lhe á noite o corpo dorido da labuta feroz apenas o entrelaçado das varas toscas do leito miseravel."

Tudo o que viu, o escriptor evoca, para louvor e gloria do garimpeiro, nesta narrativa romantizada que legitima a sua conquista de destacada figura das nossas letras.

A materia prima é nossa, e até mesmo o vocabulario nosso veste de galas as paginas deste livro, que é muito mais que um documento, pois consagra definitivamente Herman Lima como grande escriptor do Brasil actual.

Origenes Lessa — NÃO HA DE SER NADA... — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

ESTE livro, escripto no presidio militar da Ilha Grande, conta a odysséa de um grupo de voluntarios paulistas: os ultimos dias e a retirada de Queluz, as arrancadas heroicas de Villa Queimada, a vida nas trincheiras, as primeiras impressões de um prisioneiro de guerra... Origenes Lessa é um dos mais curiosos escriptores de S. Paulo. Tem personalidade. E' agil, vivo, agrada. Sabe focalizar os assumptos e movimentar as imagens. Neste livro, a sua arte de escriptor toca certos aspectos da revolução inéditos.

E' um depoimento até certo ponto edificante. Pelo menos se sabe pela penna de um voluntario, que os politicos lançaram a mocidade numa aventura nefanda, porque a tanto importa mandar para a guerra soldados sem commando!

João Guimarães — BEIJOS DE AMOR — Rio — 1932

AFRANIO PEIXOTO, apresentando o livro, escreve: "Estas canções de João Guimarães têm azas, perfume, sonoridade e emoção. Que precisam de mais? Nem de penitencia, nem de confissão; apenas bellos olhos que as leiam, ouvidos ternos que as escutem, apressados corações que as comprehendam..." Depois das palavras do Mestre, nada mais é preciso dizer. O poeta gosta de beijos, o que acontece tambem com muita gente bôa, e, por isso, se serve do motivo para quasi todas as composições do volume. Si quizessemos destacar os versos do nosso agrado, teriamos de trazêl-os, na maioria, para estas columnas. Entretanto, não resistimos ao prazer de reproduzir *Entre nós dois*...

Festas, risos, sonoras alvoradas,
Pombo-te aos pés... para me ajoelhar!
E rimas e canções apaixonadas,
Guardo nos labios... para te offertar!

Estrellas fulvas, alleluias, flores,
Tambem te quero dar!
Astros soberbos, paraisos, côres,
Para te engrandecer e te exaltar!

Mas... ah! junto de ti, tudo olvidando,
O' sonho encantador!
Só sei que te murmuro, em te beijando:
Meu amor, meu amor, meu grande amor!

São assim as canções de João Guimarães. Um emotivo que sabe dizer coisas lindas!

Mario Poppe

Notas de Arte

AUDIÇÃO DE ALUMNAS DA PROF. ROSETA DA COSTA PINTO. — Na séde do curso de canto da professora, sra. Roseta da Costa Pinto passámos duas horas agradaveis ouvindo o concerto vocal de suas alumnas, que cantaram: a srta. Suzanna Mesquita — *Jeune fillette*, de Weckerlin e *Non so più*, de Mozart; a srta. Ernestina Lobo — *Rose chérie*, de Grétry e *Plaisir d'amour*, de Martini; a srta. Wanda Oiticica — *Oh! quand je dors*, de Liszt, *Compagnon, viens vite*, de Dvorak, *Aria* da op. "Mme. Buterfly", de Puccini; a srta. Yolanda Vaz — *Deh! Vieni*, da op. "Nozze di Figaro", de Mozart, *Chanson triste*, de Duparc, *Amore, amore!*, de Tirindelli; a srta. Luiza Lacerda — *Divinité du Styx*, da op. "Alceste", de Gluck, *Phidilé*, de Duparc, *La Morta*, de H. Oswaldo, *Numa concha*, de Souza Lima, *Jota*, de Falla; e as 4 primeiras em conjuncto — *Tutú Marambá* e *Luar do sertão*, de Luciano Gallet.

A impressão immediata é de que se ouviu uma audição de alumnas e um recital de mestra. A alumna do curso de aperfeiçoamento, srta. Luiza Lacerda, destacou-se tanto que mais parecia docente que discente. E' uma cantora que precisa apenas familiarizar-se com o publico e apurar a arte. Mostrou-o exuberantemente em *Divinité du Styx*, onde tanto lhe brilharam a extensão e o volume da voz e em *La Morta*, em que se lhe accentuaram os dotes de artista.

Outra impressão de conjuncto: todas as alumnas são dotadas de bôa voz. Têm todas bastante talento vocal para uma vez cultivado attingirem a maior ou menor gráo de efficiencia artistica.

Com todas as restricções que se possam fazer em exhibições de alumnas, assignalamos as agradaveis impressões que nos deixaram especialmente *Non so più*, *Plaisir d'amour*, *Chanson triste* e os tres numeros cantados pela srta. Wanda Oiticica.

Alem da Prof. Roseta Costa Pinto, fez os acompanhamentos a pianista srta. Aracy de Lima Coutinho, que tão bôa impressão nos causou, quando do seu concurso ao premio de viagem no I. N. M., em 1930.

AUDIÇÃO DE ALUMNAS DA PROF. MARIETTA CAMPELLO BARROSO. — Perante numerosa assistencia, que enchia o salão Leopoldo Miguez do I. N. M., realizou-se em a noite de 14 de Janeiro, com o seguinte programma, uma audição de alumnas da professora de canto daquelle Instituto, sra. Marietta Campello Barroso: *La truite*, de Schubert, *La Villanelle*, de Dell'Acqua, *Batti batti, o bel masetto*, da op. "Don Juan", de Mozart, *Ariette* da op. de *Grétry*, "Richard Coeur de lion" — pela srta. Magdá de Mesquita Barros; *Amarilli*, de Caccini, *Sombra suave*, de Lorenzo Fernandez, *Si mes vers avaient des ailes*, de Massenet — pela sra. Olga Praguer Coelho; *Crépuscule*, de Edgard Guerra, *A flor de maracujá*, de Antonio Carlos, *O luce di quest'anima*, cavatina da op. de Donizetti, "Linda di Chamounix" — pela srta. Carmen Bertucci; *Pensée d'automne*, de Massenet, *Aria das cartas* da op. "Carmen", de Bizet — pela srta. Anna Maria Ribeiro; *Virgens mortas* (soneto de Bilac), de Francisco Braga, *Cavatina* da op. de Bizet, "Le pêcheur des perles", *Ballada* da op. "O Guarany", de Carlos Gomes — pela srta. Branca dos Santos Lima; *Ao amanhecer*, de A. Nepomuceno, *Divinité du Styx*, aria da op. "Alceste", de Gluck, *Altra notte in fondo al mare*, aria da op. "Mefistofele", de Boito — pela srta. Irene Yara Sacramento; — todas alumnas da série superior — e *Num postal*, de Celeste

Jaguaribe, *Ariette*, de Paul Vidal, *Roberto, oh! tu che adoro*, cavatina da op. "Roberto il Diavolo", de Meyerbeer — pela srta. Lucia Tanger — alumna diplomada; *Elégie*, de Massenet e *Voyons, Manon* da op. "Manon" do mesmo autor — pela srta. Emily Chauviére alumna da série inicial; finalmente o duetto entre Mimi e Muzetta do 3º acto da op. "La Bohéme", de Leoncavallo — pelas srtas. Carmen Bertucci e Anna Maria Ribeiro.

Dentro da relatividade com que devem ser julgadas audições de alumnas, não se erra dizendo que todas as jovens cantoras mereceram os applausos que lhes prodigalizou o auditorio. Se nenhuma revelou dotes excepcionaes, tambem nenhuma deixou de patentear qualidades que podem fazer dellas amanhã apreciaveis e mesmo eximias cantoras. O que lhes falta naturalmente é intensificar o estudo, de modo a synchronizar a voz e o gesto, a musica e a mimica, a tornar o canto mais vivo, mais expressivo, e a se libertarem deste ou daquelle deslise que em algumas mais do que noutras se póde notar.

Segundo as impressões que nos causou a bella audição, e abstrahindo de qualquer analyse technica, destacamos mais especialmente as interpretações de *La Villanelle*, *Ariette* (Gretry), *Amarilli*, *Aria das cartas*, *Virgens mortas*, *Voyons, Manon*, *Aria* da op. "Mefistofele", *Cavatina* da op. "Roberto il Diavolo", *Crepuscule*, a *Flor do maracujá*, *Cavatina* da op. "Linda di Chamounix".

Sem nenhum proposito de classificar valores, mas só para exprimir com sinceridade a nossa emoção, devemos notar que entre as oito cultoras de canto nos chamaram mais particularmente a attenção tres: as srtas. Carmen Bertucci, Emily Chauviére e Branca dos Santos Lima. A ultima por nos parecer que, entre todas, foi a que mais vida deu ao canto, procurando harmonizar as inflexões vocaes com a mimica expressiva. As duas outras, pela belleza natural das vozes. A primeira, especialmente, pela apreciavel força communicativa que imprimiu a todos os numeros sobretudo a *Crepuscule*, cuja poesia caracteristica foi bastante sentida e transmittida pela jovem interprete.

Com a mestria de sempre fez os acompanhamentos a pianista sra. Julieta Gomes de Menezes.

GILDA ABREU. — Annuncia-se para a noite de lunedia, 2ª-f., 23 de janeiro, no Theatro João Caetano, a representação de uma peça em 3 actos, com que estréa, como autora theatral, a cantora brasileira srta. Gilda Abreu. Eis da peça o resumo que nos enviam. "Um rapaz chegado da America do Norte acha que no Brasil nada existe que possa competir com os Estados Unidos onde tudo é bello, adiantado, incomparavel... Diz elle tudo isso num grupo de moças e rapazes que apostam modificar-lhe as idéas se vir por seus proprios olhos de que são capazes os brasileiros. Feita a aposta, preparam o ambiente, e, num desfile deslumbrante deixam-no vencido e pasmo! Canta-se em diversos idiomas, baila-se, dança-se, imitam-se artistas de cinema, ha vestuarios originaes, moças lindas, desembaraçadas moços correctos, alinhados, todos capazes de arcar com responsabilidades artisticas tal qual em paizes... *adiantados.*"

Dado o nome e a origem da autora, que é filha de Nicia Silva, artista de renome em nosso meio, é de esperar o exito certo da original peça, de *féerie*, de Gilda Abreu.

OSCAR D'ALVA

Roberto Vilmar, o applaudido cantor brasileiro, que acaba de regressar de uma triumphal «tournée» de arte ao Velho Mundo, vae novamente exhibir-se ao nosso publico, no Alhambra, onde já se fez ouvir com successo. Esta photographia de Roberto Vilmar foi tirada á frente do Casino de Monte Carlo, durante a visita do artista brasileiro áquelle recanto da Europa.

O QUE SE DEVE SABER

A PERIODICIDADE DOS GRANDES INVERNOS

Além de um conjuncto de causas geraes e de outras particulares de maior ou menor importancia, a temperatura depende de um factor constante: a posição da Terra com relação ao Sol e os gráos de obliquidade com que os raios da nossa estrella chegam ao planeta.

Como isto se repete annualmente, de igual maneira a temperatura de todos os invernos teria que ser identica assim como as das demais estações entre si.

No emtanto não é isso que acontece e, por estudos directos nos ultimos dois seculos ou por memorias tradicionaes se sabe que, fatalmente, se produzem rigorosos

O impagavel comico das comedias de Hal Roach

(Conclusão)

caminho que mais tarde havia de conduzil-o á téla: começou a cantar canções populares nos cinemas e nos pequenos theatros de Baltimore. Desde o primeiro momento em que pisou o palco, e que encarou o publico, Charley Chase comprehendeu que havia descobreto o logar que verdadeiramente lhe pertencia e a que estava destinado.

Encontrava-se em seu meio: trabalhava com ardor, e, havendo passado do palco de obscuros theatrinhos ao *vaudeville*, começou a accumular conhecimentos: aprendeu novos ardis, danças, e compenetrou-se do sentido do rythmo que hoje lhe é tão peculiar. Os annos que se seguiram, annos de rapidos progressos, augmentaram a sua versatilidade, convertendo-se finalmente naquillo que é actualmente o agradavel Charley Chase da téla.

As suas viagens o levaram á California — ao cinema. Fez o seu primeiro film, para a Universal, em 1912. Mais tarde, com o seu pobre equipamento de extra, passou a fazer parte dos studios de Mack Sennett, onde desfructava de um salario de cinco dollars diarios, trabalhando nas comedias de Keystone. De extra passou a me-

calores ou frios insupportaveis com differenças thermometricas muito distinctas das leves oscillações annuaes.

Deixando de parte os periodos glaciaes, que obedecem a outra ordem de causas, existem periodos de frio cuja recordação se conserva pela historia e, modernamente, pelas observações meteorologicas. Como é natural, os dados se preferem ao velho continente, pois a civilização branca da America é quasi de hontem.

Para o physico Renou os invernos crús, rigorosos, não se distribuem irregularmente e sim em verdadeiros cyclos ou grupos, cada um dos quaes se caracteriza por um ponto maximo de quéda thermometrica, que designa "inverno central". Os taes "invernos centraes" se repetiriam em cada periodo de quarenta e um annos.

O meteorologo allemão Koppen, baseando-se em um prolixo estudo de antecedentes, estabelece que os "grandes invernos" se produzem synchronicamente, com um intervallo de cento e trinta annos.

Em 66, antes de Christo, gelaram todos os rios da Europa, mesmo os que desembocam na bacia do Mediterraneo, em 401, da nossa éra, gelou o mar Negro, e os gelos impediram a navegação nos Dardanelos e Mármara; em 766 repetiu-se o phenomeno; em 829 foi tal o frio que o rio Nilo gelou completamente.

Na nossa época, em 1794-95, os gelos invadiram o norte da Europa e a "cavallaria" de Pichegrú apoderou-se da frota hollandeza; foi terrivel o frio que coincidiu com a retirada da Russia e ainda peor o de 1879-80, quando, em Paris, o thermometro foi a 22 gráos abaixo de zero.

---

bro permanente da companhia. E em pouco tempo tomou pose do megaphone do director — e — alguma coisa assim como o symbolico sceptro real no cinema — e manteve-o — nas suas delicadas mãos. E, com o megaphone, começou a dirigir comédias, até que, ha quatro annos, o seu destino, que desde ha muito estava empenhado em fazer delle um actor, tirou-o de junto da machina cinematographica e o pôz em frente della.

Charley Chase fez o seu primeiro papel no cinema por méra casualidade. Na comedia que elle ia dirigir, o actor principal adoeceu repentinamente, tendo então Charley tomado o seu logar. O publico o viu, e sentiu-se attrahido. Seu ar de elegante tresnoitado, seu bom humor, a arte que põe em seus papeis — tudo havia de fascinar o publico mais exigente. Charley convenceu-se de que o seu logar era na téla.

Pouco tempo depois, appareceu o cinema falado. Charley Chase viu nisso uma opportunidade de enriquecer a sua arte. Desenterrou o seu antigo violão, azeitou as solas dos sapatos, limpou bem a garganta, e lançou-se no cinema sonoro. A sua vez de triumpho havia chegado.

Broadway tem o seu George Cohan. Paris tem o seu Maurice Chevalier. Hollywood tem o seu Charley Chase.

A TORRE DO SILENCIO

De ADELPHO MONJARDIM

Os sumptuosos salões de Lady Cynthia Canterbury, em Piccadilly, feericamente illuminados, acolhiam aquella noite a *élite* londrina.

Um fortuito encontro com Pat O'Neil, antigo condiscipulo em Oxford, levou-me a conhecel-os. Quando chegámos, dançavam elegantes pares. Esparsos pelo salão, junto ás janellas, grupos pales.ravam animadamente. Segregado do mundo ha quatro annos, nas minas de Kimberley, deshabituára-me ao convivio das altas rodas e sentia-me deslocado naquelle ambiente por demais aristocratico. Sobretudo as damas me perturbavam. Máo dançarino, péssimo mesmo, era com indizivel angústia que conduzia, com braços tremulos e pernas vacillantes, as louras *misses* através dos salões polidos como espelhos.

Pat veiu tirar-me do apuro, levando-me para o "fumoire". Era uma bella peça estylo Luiz XV. Tive no primeiro momento a impressão de ter mergulhado no terrivel "fog" da velha Londres. Porém, o nevoeiro era apenas de finissimo tabaco oriental.

Sentados em semi-circulo, diversos cavalheiros ouviam attentos um senhor de aspecto imponente e respeitavel, que desde logo me prendeu a attenção por um extenso gilvás que lhe cortava em diagonal a face severa.

A' minha entrada, elle fez uma pausa, para retribuir com ligeira inclinação de cabeça o meu cumprimento, e continuou:

— Só quem viveu, como eu, quarenta annos na India, sabe o que é aquelle paiz de lendas e mysterios. Só um longo convivio permitte erguer de leve a ponta do véo que encobre os seus segredos e ler na physionomia immutavel do hindú obstinado e fatalista. As castas cavam em seu seio abysmos insuperaveis. As lutas religiosas são ferozes e sem tréguas. O indiano é sobretudo um mystico — entregasse, com fervor vizinho da loucura, aos mais horriveis cultos e não foi sem custo que os inglezes terminaram com os "Thugs", os estranguladores sectarios de Kali, a Negra, divindade de brahmanica; mulher de Siva e deusa do inferno. A famosa revolta dos Cipaios, de tão triste memoria, foi tambem uma questão religiosa.

Quem assim falava era Sir Archibaldo Moran, coronel do 19º corpo de infanteria, de Pendjab do Imperial Exercito da India.

Ia o coronel reatar o fio das suas interessantes narrativas, quando o seu olhar de aguia recáe sobre a minha pessôa. Curioso, me interpella:

— O senhor não é inglez. Tem o typo latino das raças meridionaes. Estarei enganado?

— Sou brasileiro, coronel.

Pat fez a nossa apresentação. Surprehendeu-me o coronel, com um violento "shake-hands", pois longe estava de suppor tanto vi

gor em um homem que se jactava dos seus sessenta e seis janeiros.

Alludiu a certa viagem que fizéra ao Brasil, em missão especial do governo britannico e lamentou não ter podido conhecer o famoso valle do Amazonas, do qual tanto ouvira falar.

Como eu fixasse com insistencia o roseo gilvás que lhe sulcava a face esquerda e separava em duas partes distinctas a grossa costelleta, resolveu elle contar a sua historia, para satisfazer talvez, á minha natural curiosidade; historia que só os intimos amigos conheciam e á qual evitava sempre alludir.

— Quem viu a India, jamais a esquecerá. Della, guardo indelevel recordação, como um estigma infamante — o seu ferrete.

Virando a face, mostrou a enorme cicatriz que a deformava. E continuou:

— Ha mais de um terço de seculo, trago-a commigo. Foi durante a grande revolta dos Cipaios. Arraigada entre os hindús e os musulmanos, havia crença de que o dominio britannico na India, duraria apenas um século. Estavamos precisamente em 1857, anno em que se devia realizar a fatal prophecia; do que se aproveitou astutamente Nana Sahib, o famoso rajah de Bithour, para levantar as populações em massa.

"Eram os Cispaios tropas regulares do exercito colonial, compostas, em sua totalidade, de nativos e entre elles teve inicio o sangrento movimento que passou á historia com o seu nome.

"O movimento irrompeu em Meerut, onde massacraram os officiaes inglezes e todos os europeus que conseguiram pilhar, propagando-se até a Presidencia de Bombaim, e como um rastilho de polvora incendiou toda a India.

"Chegara á India tres mezes antes da sublevação e contava apenas 26 annos. A revolta encontrou-me em Bombaim, onde servia; e como parte da Presidencia fôra invadida, fui dos primeiros que entraram em fogo. Delhi, após curta e heroica resistencia, cahira em poder dos insurrectos. A nossa situação era melindrosa. Bombaim, "The Eye of India", como a chamamos, a maior e mais importante cidade da costa do Konkan, não se sentia em segurança. Temia que a sua guarnição de Cipaios viesse a sublevar-se em vista das sérias proporções que assumia o movimento no norte da Presidencia.

"Era o nosso commandante o bravo coronel David Kitchner, que devia mais tarde morrer gloriosamente em Lucknow. O movimento tivéra inicio a 10 de maio. No dia 12, ás sete horas da noite, o commandante convocou, no quartel, toda a officialidade. A situação aggravava-se e não podiamos depositar confiança no regimento de Cipaios. Urgia que pedissimos reforços immediatos de tropas inglezas, em Poona, quartel general das forças da Presidencia. As communicações telegraphicas foram cortadas pela manhã. Tornava-se necessaria a ida de um emissario a Poona, custasse o que custasse.

"A proverbial coragem dos filhos da Albion teve, naquella memoravel reunião, oportunidade de brilhar mais uma vez. Era admiravel como officiaes, na sua maioria jovens, disputavam com sincera obstinação o arriscado encargo de mensageiro. Era um desafio á morte. Não se chegando a um resultado satisfatorio sem melindres, resolvemos jogar á sorte. Improvisámos uma urna, onde collocamos todos os nomes em papeletas cuidadosamente dobradas. Quiz o proprio commandante ex-

(Cont. na pag. seguinte)

trahir da urna a papeleta sorteada. Momento dramatico: no profundo silencio da sala, o coronel, visivelmente emocionado, desdobrou tremulo o pequenino rectangulo de papel. Esforçando-se para dar à sua voz rouca uma entonação de commando, proferiu o coronel o nome escolhido.

"— Archibald Moran!

"Ergui-me, rubro de satisfação e orgulho, sentindo, sobre mim, os olhares invejosos dos meus valentes collegas.

"Foi rapido o que depois se passou. Depois das necessarias instrucções e paternaes conselhos, fez-me a entrega da mensagem secreta para o general Mac Pherson, em Poona.

"Para não despertar suspeitas, sahi de Bombaim, ás 10 horas daquella mesma noite, tendo, por companheiro, apenas a minha ordenança, o soldado Joe, considerado o melhor atirador do regimento.

"Em fogosos corceis, atravessámos em vertiginosa carreira a longa ponte que liga Bombaim ao continente e que estava, áquella hora, deserta. Fazia bellissimo luar, que, contra os meus habitos, não admirei, pois desejava tudo negro, por ser a escuridão mais propicia aos meus fins. A' meia-noite, aproximadamente, demos entrada no desfiladeiro de Bhore-Gaths, deixando para atraz as pantanosas baixadas do Konkan, que medeiam do mar de Oman aos Gaths Occidentaes. O pállido luar penetrava a custo nas apertadas escarpas do desfiladeiro, deixando-o immerso em meia escuridão de sombras confusas. Logar propicio a emboscadas. Levei instinctivamente, a mão ao revolver. Em contraste com as encostas dos Gaths, é o planalto do Dekan pobre em vegetação. Tinhamos acabado de galgar a cordilheira e tomavamos o rumo ESE., em direcção a Poona, distante 120 kilometros.

"Ia alta a madrugada e já estavamos proximo ao nosso destino, quando se nos deparou uma collina encimada por estranha construcção. Soffreei o animal e assestei o binoculo. Reconheci uma das famosas "Torres do Silencio", ou Dakmas, onde os Parsis expõe á voracidade dos abutres, aquelles que em vida adoraram o fogo, cumprindo assim as determinações do Zend-Avesta, que diz: "Tu em coisa alguma mancharás a terra mãe."" Nessas torvas e repellentes torres os corpos são collocados em completa nudez, porque o texto sagrado tambem, diz: "Nú mundo entraste nú, nú delle sahirás."" Confesso que não me sentia á vontade. Ficava em meio de lindos jardins e a sopé da collina tinha a circumdál-a, cerrado bosque. O luar, n'um indifferentismo terrivel, emprestava tons argenteos ás suas paredes lisas e sinistras.

"Penetrámos com difficuldades sob as primeiras arvores do bosque, onde a médo se infiltrava o luar, salpicando o chão atapetado de folhas, de pequenas manchas brancas. Nauseabundo cheiro de carne pôdre, em adeantada decomposição, empestava o ar. Ao tropel das nossas alimarias respondeu um ruido ensurdecedor de azas que ruflavam assustadas em apressado vôo e que se entrechocavam sobre as nossas cabeças. Eram os negros e ferozes abutres que fugiam dos copados abrigos e iam pairar em revoada sobre a silenciosa torre, adormecida em leito gangrenoso e putrido.

(Continua no proximo numero)

O SORTEADO N.º 13

QUASI nunca ia á villa. Lá uma vez ou outra, isso mesmo quando havia eleição ou festa de igreja. Não fosse isso, raramente apparecia no commercio. Entretanto, naquelle dia, teve necessidade de ir á collectoria estadual pagar a ultima prestação do terreno que tinha adquirido do Estado, afim de poder *cavar* a vida e fazer uma *barraca* onde pudesse metter a cabeça logo que se casasse com a Joanna, cabocla bonita de quem elle gostava havia muitos annos.

Sahia da repartição, depois de ter solucionado o negocio que o levára á villa, quando se lembrou de chegar ao correio para receber os jornaes do professor Zézinho, que leccionava numa escola proxima ao seu sitio. E não foi sem surpreza que recebeu das mãos da funccionaria postal, além dos jornaes do professor Zézinho, uma carta, cujo enveloppe tinha os seguintes dizeres:

S. P.

Sr. Sebastião.

Filho de Rufino José de Santanna.

Corrego da Saúde.

— *Do Presidente da Junta do Alistamento Militar de Hygienopolis.*

Sabia lêr muito mal. Entretanto, pressuroso, rompeu o enveloppe e pôz-se a lêr, afflicto o conteúdo da missiva:

"O coronel Pancracio Pantaleão da Silva, presidente da Junta, faz saber, de accôrdo com os paragraphos 1º e 2º do artº. 105, do Regulamento do Serviço Militar vigente, que o cidadão alistado com o nº. 125, neste districto, foi sorteado com o nº. 13 para o serviço no Exercito activo, no dia 15 de outubro de 1929, na séde do Serviço de Recrutamento e, por pertencer ao 1º grupo, destina-se a servir ao 1º Regimento de Infantaria.

"Cumpre, pois, ao cidadão sorteado apresentar-se na séde da Junta até aquelle dia, afim de receber o respectivo certificado de apresentação" etc. etc.

Não quiz continuar a lêr. Um suór frio escorria-lhe pelo rosto. As pernas bamboleavam Mas seria possivel? pensava. Seria, para elle, uma immensa, uma incalculavel desgraça ter que deixar a Joanna, justamente quando mais a amava, para servir á patria, para attender áquelle chamado. Qual, não iria! A Patria tinha muitos soldados e, certamente, não iria reclamar delle tamanho sacrificio delle, que, si deixasse de ir, falta alguma faria. Mas, ao mesmo tempo, lembrava-se que, si deixasse de ir, incorreria numa falta gravissima num crime. E si depois descobrissem onde elle morava, si o prendessem, si o submettesse a conselho de guerra, não seria muito peor?! Mas, tambem, si acaso fosse, assistiria, por certo, á derrocada cruel do seu grande sonho de amôr, pois a Joanna, bonita como era, facilmente arranjaria outro noivo e o esqueceria depressa. Não ir, tambem, constituia um crime um encargo de consciencia que o não deixaria socegado um só momento e, aos olhos dos filhos da Florinha, dos quaes era inimigo rancoroso, elle passaria a ser um covarde e não um homem! E isso, para elle, era uma vergonha, uma grande humilhação a que se não podia submetter. E assim, preoccupado, deixou a villa rumo á casa de Joanna para lhe dar a nova e vêr o que ella diria.

Joanna, no emtanto, recebeu friamente, com a maior indifferença deste mundo, a noticia da partida do noivo, o que concorreu para tornál-o mais aprehensivo...

Succederam-se os dias. 15 de outubro se approximava a olhos vistos. E o pobre Sebastião nada tinha resolvido. O mêdo de deixar a Joanna, a saudade que por certo, iria sentir longe da cabocla amada o deixava quasi louco. Que deveria fazer? Ir? Não ir? Resolveu consultar o professor Zézinho e vêr o que o mestre-escola lhe diria.

Noite, quasi, quando appareceu na casa do professor.

— Você por aqui, Sebastião?

— *E' verdade, seu professor. Fui sorteado, já sabe?*

— Sorteado?

— *Sim sinhô.*

T I N H O R Ã O

(Para Maria Lapagesse)

— Vês esse tinhorão
que nasce e cresce junto a tua porta?...

Pela manhã, quando a neblina
afastou sua cortina
della ficam vestigios
em suas folhas baloiçando ao vento...
e, empós, azas espalmas,
essas gottas matutinas
rolam sob a caricia velludosa
de azas de beija-flores dos remigios...

Dançam as folhas, orchestrando a brisa
uma canção que o vegetal entende.
Mas, quando o Sol, esbrazeando os cumes,
faz da terra subir ênceos perfumes,
como uma amphora azul, o tinhorão estende
todo o seu corpo, em magico holocausto...

E nessas gottas de agua reluzentes
brilha a orgia phantantisca de um fausto
que muita gente ambicionaria...

...

— Vê como o tinhorão é feito:
estuda-lhe o aspecto:
a folha é presa e baloiça
nesse infinito verde de esperança
e o seu recorte é como
o mais humano pomo:
— imita a geometria audaz do coração.

...

Pensa bem nessa planta
que dá sombra e reluz lampejamentos de oiro,
— verde — côr da Esperança,
geratriz da Illusão...

... eu desejo que a tua vida seja
risonha, assim e tanto bemfazeja,
igual á desse humilde tinhorão!

PAULA CHAVES

O SORTEADO N. 13

(Conclusão)

— Pois dou-lhe os parabens. E só lhe posso dizer duas palavras: Vá cumprir o dever. A patria precisa de homens, de soldados. E moços, como você, não devem, em absoluto, deixar de prestar o serviço de que ella necessita. Acima de tudo o dever, a patria, a patria, ouviu?

Ao ouvir as ultimas palavras do professor, veiu-lhe uma idéa macabra que, posta em pratica, o punha incapaz para o serviço militar. E não se separaria da Joanna, que era a luz do seu destino, a razão de ser da sua vida. Não deixaria que o matto amortalhasse, com a ramaria verde das hervas damninhas, as suas plantações que, representavam muitos mezes de trabalho, muitos dias de sacrificios. Sacrificar-se-ia, sim, mas não sacrificaria o seu grande amôr, a sua felicidade. E, no dia seguinte quando, manejando o machado afiado, elle se esforçava para deitar por terra um monstruoso jequitibá, deixou, propositalmente, que o instrumento, num golpe profundo, decepasse completamente a perna esquerda, inutilizando-o para sempre, transformando-o num pobre sacy-perêrê humano, porém, livrando-o, sobretudo, do serviço militar e de ficar sem a Joanna. Entretanto, dôres interminaveis, soffrimentos torturosos levaram o pobre caboclo a ficar entre a vida e a morte durante oito longos mezes — tempo talvez equivalente ao que devia servir no Exercito. E durante tantos dias, a não ser a do medico e do professor Zézinho, Sebastião não recebeu uma outra e unica visita! Nem a de Joanna. E que ingratalhona que ella tinha sido! Agora que podia andar, embora de muletas — pensava — ia vêl-a, ia marcar o dia exacto do casamento, pois estava livre do serviço militar.

Poz-se a caminho, porém, ao se approximar da choupana onde antigamente morava a mulher que escolhêra para companheira, um preto velho e conhecido, arregalando os olhos, surprezo, ao vêl-o sem uma perna, indagou:

— *Onde vae, seu Bastião?*

— *Vou vêr a Joanna...*

— *Que Joanna?*

— *Minha noiva...*

— *Vancê tá doido, home de Deus?*

— *Doido, por que?*

— *Antão vancê num sabe que a Joanna, aquella moça que foi sua noiva, bateu a bota, de febre, paludismo, ha treis sumana?!...*

EDWALDO CALMON

O VENDEDOR DE CADAVERES

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(CONTINUAÇÃO)

— Pode ser. Mas meu marido nunca me fez confidencias a esse respeito, ainda que muitas vezes lhe pedisse que me desvendasse os mysterios dos maçons. Esse assumpto tornava-o immediatamente muito serio, e chegava a se zangar quando eu insistia demasiado.

— A cadeia e o relogio estão com o cadaver, continuou o policia, proseguindo as suas investigações. Aqui está uma bolsa que contem a importancia de... deixe ver, minha senhora, a importancia de sessenta e sete libras esterlinas. Prova de que o não assassinaram para o roubar. Ainda uma pergunta. Quem é o principal empregado da casa de seu marido?

— O sr. Charley Benson, um homem de sessenta annos; era o braço direito de meu marido desde a fundação da casa.

— Podia mandar chamar o sr. Benson?

— Nem siquer sei onde reside!

— Não lhe seri facil informar-se? Ha grande interesse em que lhe fale immediatamente. Talvez o porteiro saiba; certamente já foi á casa de Benson, de mandado de seu marido.

— Vou perguntar-lhe, respondeu a joven viuva, afastando-se.

— Bem, era o que eu queria primeiro do que tudo, murmurou Sherlock Holmes, assegurando-se, num relance de que a senhora Estrade tinha fechado a porta.

Voltou em seguida para junto do cadaver, que submetteu a novo e minucioso exame.

Levantou-lhe, primeiro, as mãos e olhou-as demoradamente.

Aquellas mãos aristocraticas e bem tratadas provavam, á primeira vista, que nunca se tinham entregue a um trabalho grosseiro.

— Unhas curtas e limadas, murmurou Sherlock Holmes entre os dentes. Depois tirou da algibeira um metro e passou-o em volta do pescoço do cadaver. Medida do pescoço, 41. Passemos ao calçado agora... medida 45. Enorme... Quanto ao resto, verei na autopsia a que assistirei... e, agora, as algibeiras!

Sherlock Holmes deu rapida busca ás algibeiras do morto.

Tirou um lenço com as iniciaes P. E., donde se exhalou um perfume, que parecia ser o mesmo usado pela senhora Estrade.

Depois achou duas chaves, uma lima para unhas e um canivete n'uma das algibeiras das calças, emquanto a outra estava vazia completamente.

Ia ficar por alli, quando se lembrou de não ter ainda visto as do collete.

Na algibeira da direita não encontrou coisa alguma; na da esquerda, os seus dedos tocaram num papelinho dobrado.

— Ah! um bilhete! exclamou elle, está escripto a lapis. Isto póde ter alguma importancia!... Ah!... uma pista!

Sherlock Holmes chegou o papel junto á vela e leu:

"Desappareça de Londres durante algum tempo. Condemnaram-n'o á morte. Bem sabe que todo o trahidor dos nossos segredos está sujeito a essa pena e nunca escapa á mão vingadora.

"Sempre me fez bem. Não quero que o senhor morra.

Um amigo reconhecido."

Meneiando a cabeça, Sherlock continuou a examinar o papel ao mesmo tempo que escutava se Ellen voltava.

— Muito bem! disse elle em voz baixa, emquanto lhe assomava um sorriso aos labios. A dizer a verdade a coisa está agora muito clara. Condemnado á morte... pelos maçons, naturalmente cujos segredos trahiu. E' pena comtudo que este bilhete não passe de um carapetão, como nós, os policiaes, dizemos, destinados a fazer-nos seguir uma falsa pista com as suas revelações idiotas; sem isso, não o teria descoberto tão facilmente na algibeira do colette. O assassino podia, e tempo não lhe faltou, assegurar-se que a sua victima não tinha comsigo papel algum que fizesse recahir as suspeitas sobre os maçons, e teria achado este bilhete tão bem como eu. De resto, guardemol-o sempre, poder-nos-á servir numa outra ordem de idéas.

Neste memento abria-se a porta e entrava a senhora Estrade.

— O sr. Benson disse a viuva, mora na City-Road, 333; devo mandar alguem buscal-o?

— E' inutil, minha senhora, retrucou Sherlock; reflecti que pode ficar para amanhã o seu interrogatorio. Agora preciso retirar-me; tenho ainda hoje que fazer umas pesquizas por causa de um outro crime.

— E tenho que ficar só com o cadaver? exclamou Ellen. Oh! meu Deus, que noite! que noite horrorosa! Mas não me separarei do meu marido até que venham arrancal-m'o!

— Socegue, minha senhora; pense que devemos,

(Cont. na pag. seguinte)

pelo menos, vingar a morte de seu marido, visto não podermos modificar este triste estado de coisas. Adeus!

Sherlock Holmes apertou com respeito a mão de Ellen, cumprimentou e desappareceu.

Foi á pé até á abbadia de Westminster seguindo sempre ao longo do Tamisa.

Ahi erguia-se, mesmo junto d'agua, uma casinha cujo proprietario vivia do aluguel dos barcos durante o verão.

— Olá Jonny, Jonny, abre! gritou Sherlock batendo a uma janella da casinha, sou eu, amigo!...

Alguns minutos depois a janella abriu-se; um homem, vestindo apenas umas calças e uma camisa, gordo, cujos braços e pescoço eram de extraordinaria musculatura, olhou para fóra.

— O sr. Sherlock Holmes, oh! queira entrar!

— David está ahi? perguntou o detective entrando num misero quarto. Ora vejam! O garoto está á mesa e devora a ceia, ao que vejo. Voltaste tarde para casa, David?

Um rapazinho de cerca de doze annos ergueu-se precipitadamente, correu para Sherlock Holmes e estendeu-lhe a mão.

— Estive a engraxar botas ao pé do theatro Drurylane, respondeu elle, e tive trabalho a valer!

— Tanto melhor para o negocio, disse o policia rindo. Teu filho é um bom rapaz, Jonny, trouxe-te uma boa moeda de prata para casa, e podia ainda ganhar cinco shillings, se não estivesse muito cançado, correndo á minha casa.

— Eu nunca estou cansado, assegurou o pequeno engraxate.

— Bem, então leva este bilhete a Harry, tornou Sherlock emquanto tirava da algibeira e escrevia a lapis o seguinte:

"Vem immediatamente á casa de Jonny. Traze as ferramentas de ladrão, trajes de vagabundo, uma lanterna de furta-fogo. Vamos entrar hoje, por meio de arrombamento numa casa bancaria. Espero-te.

Sherlock."

Dobrou o papel em cinco, fechou-o com uma obreia que tirou de uma caixinha e que tinha mais solidez do que qualquer outro sello.

— Se perdes a carta, enforco-te, disse ao rapazinho.

— E' então muito importante? perguntou o velho.

E como o policia lhe fizesse um signal affirmativo com a cabeça, o barqueiro disse ao filho:

— Põe o papel entre o labio superior e os dentes, sabes como, assim não o perderás, certamente.

— Ah! ah! tens uma especie de algibeira na face, disse rindo Sherlock Holmes, pertences então á familia dos macacos? Tanto melhor, pequeno, poderás assim fazer chegar com segurança o meu bilhete ao seu destino. Vae depressa!

E David, sem perder tempo a dirigir-se para a porta, saltou pela janella com uma agilidade que podia fazer crer que pertencia realmente aos quadrumanos.

CAPITULO III

O POLICIA ARROMBADOR DE PORTAS

— Jonny, disse-lhe Sherlock Holmes, quando ficou só com o barqueiro, acompanhar-me-ás esta noite!

— Onde lhe approuver, sr. Sherlock.

— Hei de precisar dos teus braços fortes mas a porta que terás de arrombar não é a tua, nem a minha.

— Isso não faz ao caso. Se deseja ver essa porta aberta, não é para um fim criminoso.

— David tambem pode vir comnosco, continuou o policia; ficará de sentinella para nos evitar qualquer surpresa.

— Quando devo partir? perguntou Jonny.

Sherlock Holmes consultou o relogio e respondeu:

— E' meia-noite, partiremos á uma hora, quando os rapazes aqui estiverem.

Em seguida, o policia pegou no seu cachimbo, encheu-o e começou a fumar. Envolto em espesso fumo, quedou-se sentado em frente de Jonny que não ousava perturbal-o, vendo-o entregue aos seus pensamentos.

Estava ainda mergulhado nas doçuras do seu cachimbo, quando, cerca de uma hora, ouviram-se passos e Sherlock Holmes ergueu-se dizendo:

— Ahi estão Harry e David, abre-lhes a porta.

Eram effectivamente os dois rapazes que chegavam

quasi sem poder respirar. Tinham corrido todo o caminho. Harry tinha na mão um embrulho que depoz deante de Sherlock Holmes, sobre a mesa.

— Preparemo-nos, disse o policia; Jonny e David não precisam de disfarce; quanto a nós Harry, vamos transformar-nos em frequentadores de Whitechapel.

Alguns minutos depois o policia e o seu ajudante pareciam estar cobertos de trapos, tão miseros eram os fatos que tinham vestido...

Sherlock Holmes poz uma cabelleira ruiva na cabeça, o que transformava por completo a sua figura sympathica, collocou nas faces barbas postiças e enrolou um cachenez tres vezes em volta do pescoço.

— Tens o sacco com ferramentas de ladrão? perguntou a Harry.

— Está ali tudo, mestre, respondeu o mancebo.

— Então partamos! exclamou Sherlock Holmes. — Vaes-nos fazer passar o Tamisa, Jonny; depressa estaremos em Ludgate Hill e poderemos assim chegar á rua proxima; no rio temos a certeza de não ser notados.

— Está entendido, tornou o barqueiro. Saiamos, vou procurar o meu melhor barco.

Jonny, á luz do archote que accendera, examinava os barcos que fluctuavam ao pé da casinha, mas parecia não encontrar aquelle que queria.

— Diabo! gritou elle depois de alguns minutos de vãs pesquizas, roubaram-n'o!... Malditos gatunos! emquanto eu estava em casa, alguem por certo o desprendeu da corrente. Vamos, como não lhe posso dar remedio, iremos na "Andorinha"; no logar do outro, fará o mesmo trabalho.

Metteu na agua um barco com tres logares, Sherlock Holmes e Harry sentaram-se no banco emquanto David tomava conta dos remos e Jonny do leme. A "Andorinha" deslisava sem ruido pelo rio tranquillo.

Os reflexos dos lampeões de illuminação publica na agua bastavam ao barqueiro para se orientar; tinha apagado a lanterna.

— Eis-nos chegados, disse Jonny, depois de um trajecto de cerca de hora e meia, ao mesmo tempo que dirigia o bote para uma escada de pedra que entrava no rio. D'aqui a dez minutos estaremos em Ludgate Hill. Segura solidamente o bote, David. Que diabo, não posso conformar-me que me tenham levado o melhor Barco. Ah! se apanhasse o gatuno! Ha tres dias justamente que o tinha pintado. Que pena o meu "Arco-Iris"! Não tornarei a vel-o.

— Consola-te, meu rapaz, disse-lhe Sherlock, terás uma boa recompensa pela expedição desta noite. Mas cá temos Ludgate-Hill na nossa frente. Fiquem agora aqui, vou examinar um pouco o local e quando ouvirem o assobio venham ter commigo.

Jonny, Harry e David occultaram-se na sombra de uma parede emquanto Sherlock Holmes se dirigia vagarosamente para Ludgate-Hill. Passou ao lado de um policia que o examinou com olhares desconfiados. Mas, com as mãos nas algibeiras da calça, Sherlock poz-se a assobiar um estribilho popular sem parecer preoccupar-se com o agente da autoridade.

Chegou assim perto de Ludgate-Hill. Dahi examinou um predio de dois andares encostado de um lado a uma outra construcção, e cuja fachada dava para um parque.

Sherlock Holmes atravessou, esperou que a rua se achasse deserta, depois trepou agilmente por um portão de ferro que dava accesso ao parque e chegou junto da casa. Viu no rez do chão uma janella pequena, o que lhe fez mover a cabeça umas poucas de vezes em signal de contentamento, depois soltou um assobio estridente.

Passados alguns minutos reuniam-se-lhe Jonny e os dois rapazes.

Já tivera tempo de executar um primeiro trabalho; cortara por meio de um diamante um boccado do vidro da janella que poude então abrir facilmente, passando o braço. Entrou logo para dentro da casa e ordenou a Jonny e a Harry Taxon que o seguissem.

— Tu David, disse elle ao filho do barqueiro ficarás aqui e fazer-nos-ás signal no caso de apparecer alguem.

Achavam-se então num corredor da casa que conduzia ao pateo. Sherlock Holmes apontou para uma janella com uma solida grade de ferro, por onde se podia ver um sala cheia de estantes e de livros commerciaes. Pensou que essa divisão fazia parte da casa bancaria de Paulo Estrade.

— Jonny, murmurou ao ouvido do barqueiro, vaes agora provar-nos a tua força. E' preciso que tires alguns destes varões de ferro, porque quero penetrar na casa por esta janella.

O hercules agarrou com ambas as mãos um dos varões, sacudiu-o e continuou até que, cedendo em cima, realizou esse trabalho de força quasi impossivel: tinha arrancado o varão.

— Bravo, exclamou Sherlock Holmes, mais um e a abertura será bastante grande para nos permittir a entrada.

As mãos de Jonny estavam cheias de sangue; lim-

(Cont. na pag. seguinte)

O MILAGRE DE UMA ESTRELLA...

Na hora em que a sombra silenciosa da noite
vem fechar os meus olhos de doente
— deixo-me abandonar todo
num sentimento tremulo de tristeza...

O céo é um jardim maravilhoso,
cujas estrellas são milagres de flôres!

O ar vae se enchendo do apopado perfume
dos cravos rajados que florescem
no balcão da minha varanda,
como uma promessa ingenua de tua presença...

Na hora em que a luz das estrellas
vier innundar de sonhos os teus olhos
e a saudade falar baixinho,
baixinho pela vóz das coisas
— eleva a tua face para o alto,
para o azul distante, mysticamente,
na doce communhão das estrellas...

O céo, maravilhoso, é um jardim suspenso,
cujas estrellas são milagres de flôres!

Fica, depois, a espreitar aquella estrella maior,
aquella estrella luminosa, no alto da serra,
onde os meus olhos, como os olhos fitos dos pas-
[tores
estarão, tambem, postos nella...

E, como uma mensagem do coração
no intimo santuario da noite,
os nossos olhos distantes se encontrarão,
silenciosamente, no brilho tremulo della...

ACHILLES VIVACQUA

---

pou-as ás calças e poz-se de novo ao trabalho. O segundo varão teve egualmente que ceder.

— Jonny, ficarás aqui para vigiar. Esta abertura é diabolicamente pequena; por felicidade, quasi não tenho barriga.

Proferindo estas palavras, Sherlock Holmes introduzia-se no quarto e ajudava em seguida Harry a fazer outro tanto.

Accendeu então uma lanterna de furta fogo e caminhou para uma porta que estabelecia communicação para o quarto contiguo.

A porta estava fechada á chave, mas Sherlock Holmes depressa a abriu com o auxilio de uma das numerosas gazuas que tinha comsigo.

O policia e Harry achavam-se naquelle momento num bello e vasto escriptorio. Viam-se ahi seis mezas para os empregados e, deante de um grande cofre de ferro, uma setima; Sherlock Holmes deprehendeu que esta ultima era a do principal empregado da casa, Charley Benson.

Mas o policia parecia não ter chegado ainda ao seu fim.

— Entremos ali, murmurou ao seu joven companheiro designando uma porta sobre a qual cahia um reposteiro de feltro verde. E' o escriptorio particular de Paulo Estrade, como o prova este reposteiro de feltro que nos impedirá de ouvir falar neste aposento. Os donos destas casas têm sempre as portas bem calafetadas, afim de poderem conferenciar com toda a tranquillidade com os seus correspondentes.

Um minuto depois Sherlock Holmes via que não se tinha enganado.

A divisão onde entrara com Harry devia ter sido evidentemente o escriptorio de Paulo Estrade. Estava mobiliado com grande gosto.

A mesa de trabalho, de pau rosa, teria para falar verdade convindo melhor a uma senhora do que a um homem de negocios. Por cima da mesa estava suspenso um grande retrato de Ellen em toilette de baile, representando a loura e formosa mulher quasi como tinha apparecido a Sherlock Holmes.

— Harry, disse o policia depondo a lanterna sobre a mesa, colloca-te á entrada do escriptorio atraz do reposteiro e, dado o caso de sermos surprehendidos, previne-me sem barulho, para que possamos occultar-nos.

— Não creio que seja possivel qualquer surpresa, tornou Harry, porque Jonny está junto á janella pela qual entramos e far-nos-ia signal em caso de perigo.

— E' preciso ser um pouco mais observador, retorquiu Sherlock Holmes; não viste que no escriptorio grande que acabamos de atravessar ha uma porta por onde se pode entrar facilmente? Dá sem duvida para o vestibulo onde se penetra pela entrada principal. Comtudo, não creio que nos venham incommodar, por isso vou começar a tarefa.

Dizendo estas palavras, Sherlock Holmes sentou-se á mesa de trabalho cujas gavetas abriu com uma das suas chves falsas.

Uma quantidade de papeis, livros, contas e formularios de nogocios cahiram-lhe nas mãos.

Com a mais escrupulosa attenção, Sherlock Holmes poz-se a examinar e a estudar aquelles papeis. Meneou a cabeça umas poucas de vezes, sorrindo. Em seguida esquadrinhou ainda uma vez a mesa e descobriu uma gaveta occulta donde tirou um livrinho e uma pasta. Nesta ultima achava-se uma quantidade de "contas correntes" e cada uma das folhas tinha o titulo "Balanço".

Sherlock Holmes verificou que estes balanços datavam do anno da fundação e que o ultimo fôra feito semanas antes.

Estava a cargo de Charley Benson, o principal empregado da casa, fazer esses balanços afim de pôr o patrão ao facto da fortuna e do desenvolvimento da casa. Cada uma das folhas era assignada por elle.

Mas o livro que, por ultimo, Sherlock Holmes abriu, tinha na primeira pagina escripto o seguinte: "Livro secreto da casa Paulo Estrade, Londres".

O policia examinou primeiro os balanços depois folheou o livro com o maior interesse.

Se Harry Taxon tivesse a menor disposição para a impaciencia, teria certamente succumbido porque Sherlock Holmes passou ainda mais de uma hora á mesa de Paulo Estrade, absorto no exame dos papeis.

— Ha um facto certo, murmurava o policia, ou-

Paulo Estrade enganou propositalmente a esposa sobre a sua situação de fortuna, ou aquella linda loura não me disse a verdade, porque a fallencia da casa Paulo Estrade estava imminente. Estrade não só não possuia já fortuna alguma, como estava crivado de dividas. Qualquer pessoa ingenua deduziria immediatamente daqui que elle poz termo á existencia. Mas só os ingenuos... Diabo, que se passa?

— Vem gente; a porta da casa principal abre-se de mansinho! urge que nós...

Harry não disse mais, porque Sherlock Holmes estava já junto delle e dizia-lhe: — Depressa debaixo do sofá! — ordem que Harry executou com a agilidade de um gato.

Sherlock Holmes occultou-se por detraz do reposteiro e, depois de ter pegado no revolver esperou.

CAPITULO IV

UM LADRÃO QUE PREVINE A POLICIA

Sherlock Holmes encontrava-se numa situação assaz melindrosa. Se fosse descoberto e preso como ladrão, não tinha que temer consequencias desagradaveis, mas em todo o caso podia ter discussões aborrecidas com a policia; o seu modo de proceder para entrar na posse de certas provas era perfeitamente illegal.

Se não tentava a despeito de tudo, fugir ao individuo que entrava tão mysteriosamente nos escriptorios da casa Paulo Estrade contentando-se em occultar-se por detraz do reposteiro verde em vez de se refugir num esconderijo melhor, era porque queria a todo o custo saber quem era o homem que podia ainda ter que fazer nos escriptorios a uma hora tão extraordinaria.

Seria o empregado principal Benson que ali voltava durante a noite devido a um motivo qualquer, ou seria um verdadeiro ladrão?

Como Sherlock Holmes, no momento em que Harry lhe dera o signal de alarme, apagara a lanterna de furta fogo e a mettera na algibeira, a escuridão era profunda tanto no gabinete particular como no escriptorio principal, escuridão apenas atenuada por uma fraca claridade do luar.

Entretanto Sherlock Holmes viu abrir de mansinho a porta, que alguem fechou depois de ter entrado.

Permaneceu meio minuto immovel, como se observasse.

Sherlock Holmes teve que comprimir fortemente os labios para não soltar um grito de espanto. Via de facto, deante de si um marinheiro idoso, de barba grisalha; a julgar pelo trajo e por todo o exterior devia ser um verdadeiro lobo do mar, um homem que vagueara durante annos por todos os mares possiveis.

Era de estatura elevada e teria talvez tido, com um fato conveniente, uma figura muito elegante. Mas a blusa azul cheia de alcatrão e nodoas de gordura, as grandes calças mettidas nas botas altas, o chapeo largo de marinheiro, o collarinho de uma alvura duvidosa sob o qual estava uma gravata mal atada, nada disto contribuia precisamente para lhe realçar a elegancia.

Mal se lhe podia ver a cara; a aba do chapeo, occultava-lhe a fronte e parte do rosto. Usava barba curta á moda dos marinheiros.

Parou e escutou attentamente, mas, não ouvindo ruido algum, continuou o seu caminho.

Estendeu as mãos.

Sherlock Holmes estremeceu ligeiramente porque adivinhou que o marinheiro tinha a intenção de entrar no gabinete particular e por conseguinte erguer o reposteiro.

Se puxasse a parte detraz da qual se occultava o policia, não lhe restava outro recurso sinão pôr

SUAVE ROMANCE

Os moradores todos desta rua
costumam ver um moço triste e pobre,
que passa, quando a vida tumultúa.

Os moradores todos desta rua
não sabem quanta dôr o moço encobre!

E elle vae.. silencioso, passo a passo,
alheio a tudo...
Leva no olhar um morbido cansaço
e uma desillusão no labio mudo!

Fica na esquina longamente olhando
uma creatura extraordinaria e bella...
Depois, segue sonhando;
vae sonhando com a moça da janella!

Os moradores desta rua
não sabem do romance emocional
que esse rapaz sentimental
leva comsigo, quando a vida tumultua!

Mas ha quem saiba a mágoa que elle encobre
e a angustia silenciosa que o esfacella...

A moça misteriosa da janella
conhece a historia desse moço pobre!...

OSWALDO GOUVÊA

tempo áquelle jogo das escondidas e apresentar-se.

Felizmente, o marinheiro ergueu a outra metade do reposteiro, passou quasi junto de Sherlock Holmes que se fazia o mais magro possivel, depois, sem hesitar um só momento nem apalpar, caminhou rapidamente para a mesa de trabalho.

Sherlock Holmes teria podido facilmente agarral-o quando passava junto delle.

Mas o policia tinha ainda mais interesse em saber o que o homem ia fazer áquella hora da noite.

(Cont. na pag. seguinte)

Continuou portanto a observal-o e viu-o com as duas mãos sobre a mesa, procurando evidentemente qualquer coisa.

Accendeu um phosphoro que apagou ao fim de vinte segundos; o marinheiro encontrou o que procurava. Sherlock tinha visto distinctamente elle apoderar-se do livro secreto.

— Não é um marinheiro a valer, disse o policia de si para si; se fosse, pouco se importaria com o livro secreto da casa Paulo Estrade! Ou então foi mandado por alguem para roubar daqui esse livro. De resto, depressa o saberemos: o ladrão não sahirá deste gabinete.

Sherlock ergueu um pouco o revolver e poz-se prompto a desfechar. Ergueu a mão esquerda para agarrar o marinheiro quando transpuzesse a porta.

Este dirigiu-se vagarosamente para Sherlock Holmes. Estava a tres passos de distancia do policia que não afastava os olhos delle.

De repente o marinheiro parou.

Esquecera-lhe por força alguma coisa porque voltou para junto da mesa.

Sherlock recuou e dominou-se.

Devia esperar ainda. Era claro, de facto, que o mysterioso marinheiro tinha um segundo objecto a procurar na mesa ou nas gavetas, e para o policia, tudo desapparecia ante a necessidade de saber o fim daquelle homem extranho, no gabinete particular de Estrade.

Então Sherlock viu o homem inclinar-se para a mesa, apalpal-a em todos os sentidos, depois sentar-se tranquillamente.

O que estava fazendo? O policia não o sabia precisamente: naquelle aposento frouxamente illuminado pelo luar era-lhe impossivel descobrir rigorosamente cada movimento.

Mas era evidente que o desconhecido não fazia coisa alguma. Estava ali sentado como se esperasse alguem.

Decorreram cinco minutos. Sherlock lutava comsigo mesmo.

Devia agora apparecer, precipitar-se sobre o patife, ameaçal-o com o revolver e gritar-lhe: Não se mexa, prendo-o! Ou então...

De repente a porta do escriptorio abriu-se, appareceu luz, e ouviram-se passos; um instante depois, dois braços vigorosos prendem Sherlock, emquanto alguem lhe diz:

— Nem um movimento, senhor, ou metto-lhe uma bala na cabeça; está preso! Sou o capitão Morris, da delegacia de Ludgate... Podem entrar, guardas, já cá tenho um!

— Está doido, capitão, vociferou Sherlock, não reconhece o seu melhor amigo? Largue-me, faça favor.

— Diabo! esta voz?... gritou o capitão Morris, sem comtudo largar o policia, parece-me quasi reconhecel-a... Não me é inteiramente estranha.

Então Sherlock ouviu barulho atraz de si. Voltou a cabeça e viu o marinheiro precipitar-se pela janella do gabinete.

Naquelle momento, Sherlock teve a explicação de tudo: pela primeira vez na sua vida, se deixara enganar; fôra grosseiramente ludibriado!

Aquelle canalha tinha notado que estava alguem occulto pelo reposteiro e que o espiava. Tinha-o descoberto no momento em que ia sahir do escriptorio, depois de se ter apoderado do livro secreto.

Voltara então tranquillamente para junto da mesa e fizera funccionar o apparelho de alarma que ligava o Banco Estrade com o posto policial.

Contara com a confusão de alguns instantes que causaria a subita intervenção da policia, para saltar pela janella e fugir. E conseguira-o.

De facto, quando Sherlock se livrou dos braços do zeloso capitão e se fez reconhecer, depois de ter tirado a cabelleira ruiva, era tarde, muito tarde, para apanhar o marujo fugitivo.

Tinha um avanço enorme e perdera-se já no dedalo das ruas e beccos da City.

— Ah! é possivel! Sherlock Holmes!... exclamou o capitão Morris dando em cheio com a luz no rosto do policia. E' o senhor!

— Em carne e osso, tornou, furioso este. Realmente teria feito melhor conservando-se em casa, capitão, do que perturbando-me em um caso tão importante.

— De sorte, que se introduziu aqui como ladrão?

— Fil-o, porque tenho em mãos um trabalho muito importante, retrucou o detective. Diga aos seus homens que larguem o meu rapaz que tiraram de debaixo do sofá: é Harry Taxon, meu discipulo.

— Temos tambem um terceiro, disse o capitão, mas não podemos largal-o assim tão facilmente; quasi que tirou um olho a um dos meus homens com um murro. Realmente, defendeu-se como um leão, e só conseguimos impedil-o de gritar apertando-lhe o pescoço.

— E' Jonny, o barqueiro, respondeu Sherlock rindo, devem considerar-se felizes por terem ficado por ahi. Decerto que se aproximaram como indios porque si elle ou David os tivessem avistados, teria corrido muito sangue.

— E o homem que fugiu pela janella?

— Esse é o verdadeiro ladrão, respondeu Sherlock que, deste modo arranjou uma boa sahida. Mas nada mais podemos fazer, capitão, e devemos estar ambos contentes, o senhor com o seu triumpho desta noitada, prendendo tres homens innocentes; e eu com a constatação de que um homem mysterioso tinha interesse em se apoderar do livro secreto da casa Estrade. O homem que aqui se introduziu disfarçado em marinheiro, realmente nunca navegou, a meu ver, alem do Tamisa.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:

Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 18, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

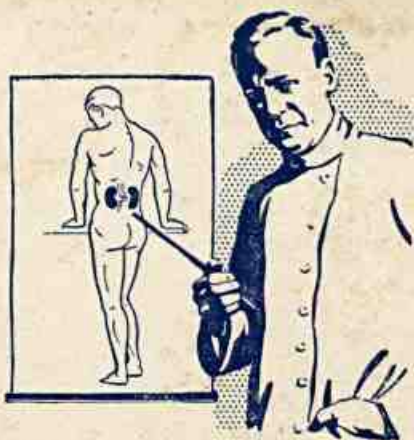
Desordens dos Rins

O exito de nossa cruzada contra DESORDENS DOS RINS deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos.

Os symptomas de Desordens dos Rins pódem ser entre outros: pontadas agudas na região dos rins, dôr chronica nas costas, sensação de cansaço durante o dia, unida á impossibilidade de lograr um descanso reparador durante a noite, tendo como consequencia um estado de completo esgotamento physico.

Até para se inclinar é um esforço penoso e torna-se impossivel endireitar-se sem sentir dôres agudas nas costas. Estes symptomas indicam a possivel existencia de certos venenos no sangue, que deveriam ser eliminados para obter allivio.

Se este excesso de bacterias ou venenos não se elimina do organismo, é arrastado pela circulação do sangue e depositado nas juntas e musculos, podendo dar origem a enfermidades taes como Rheumatismo, Lumbago, Desordens da Bexiga e dos Rins. As Pilulas De Witt fortalecem os rins e restabelecem o seu bom funccionamento.

Lembre-se que este medicamento gosa de bôa reputação desde ha mais de 40 annos e a formula está impressa sobre a caixa. É provavel que o seu Medico a conheça. Se deseja obter allivio, não espere mais. Envie-nos AGORA o coupon abaixo e receberá um FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA.

GRATIS —
Fornecimento para experiencia das PILULAS De WITT para os Rins e a Bexiga

PILULAS
DE WITT
PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de
RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS
e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R 150),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

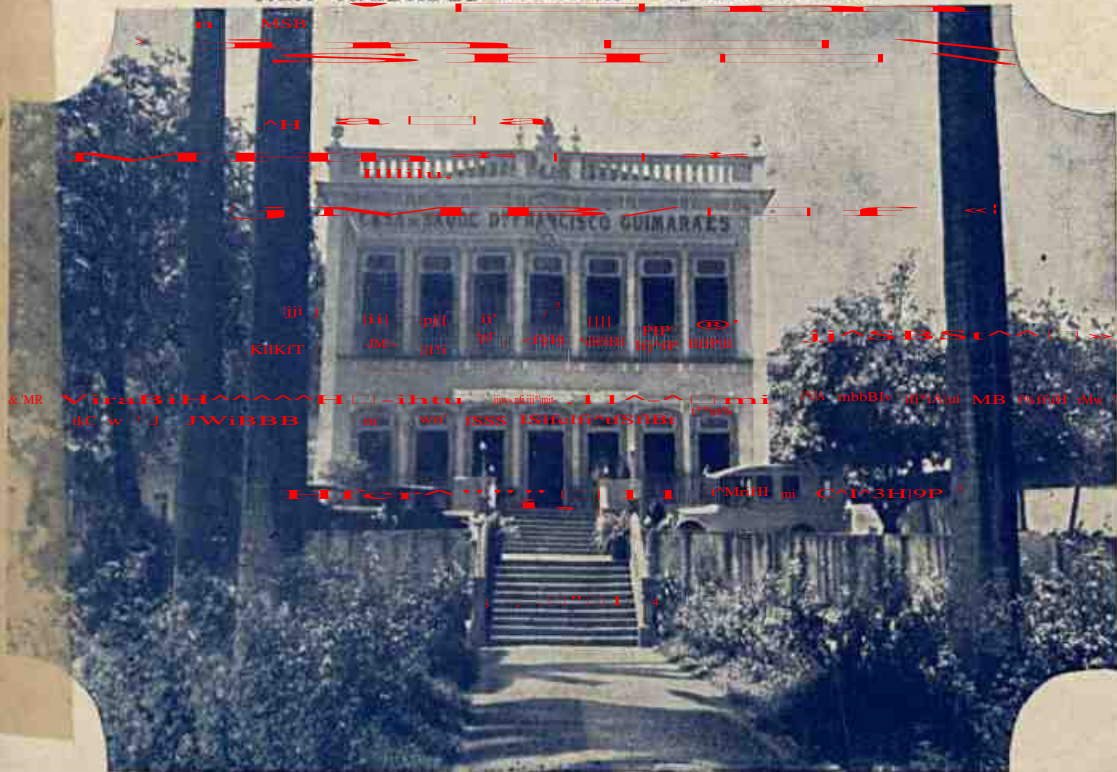
Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome..

Endereço..

....

Queira escrever com clareza
Mande em envelope aberto, sello 20 Reis.

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES
RUA ARISTIDES LOBO 115 — TEL. 2-1266

DIARIAS DESDE 15$000

PRODUCTOS ATKINSON
São usados por todas as senhoras elegantes
PRODUCTOS ATKINSON
Usados no mundo inteiro ha mais de 100 annos
PRODUCTOS ATKINSON
Perfumaria da Alta Sociedade
ROYAL BRIAR — Agua de Colonia
ROYAL BRIAR — Loção
ROYAL BRIAR — Sabonete
ROYAL BRIAR Brilhantina
ROYAL BRIAR — Pó de Arroz
ROYAL BRIAR — Bandolina
ROYAL BRIAR — PERFUMES
ATKINSON
LONDRES-PARIS-BUENOS AIRES-RIO
A' VENDA EM TODO O BRASIL